



Ilustração Brasileira

ANO XXVI — NÚMERO 153 — JANEIRO, 1948 — PREÇO CR\$ 10,00

Ilustração Brasileira

Mensario editado pela Sociedade Anônima "O MALHO"

DIRETORES :

Oswaldo de Souza e Silva
Antonio A. de Souza e Silva

Grande premio na exposição do Centenario, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940. — Órgão Oficial da Exposição do Centenario de 1922 e do Centenario da Pacificação dos Movimentos Politicos de 1842.

Redação e administração: Rua Senador Dantas, 15-5.º Andar

Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745

Caixa Postal 880 — End. teleg: "O MALHO" — Rio

PREÇO DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:		Demais países:	
12 meses	Cr\$ 120,00	Cr\$ 140,00
6 meses	Cr\$ 60,00	Cr\$ 70,00

NÚMERO AVULSO Cr\$ 10,00





CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz

Epoca

DR. OSWALDO SERRA
DA
FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA

Doenças da Pele e Sífilis

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pele, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pêlos da face. Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicas e alérgicos, urticárias, doenças dos cabelos e unhas. Tratamento dos angiomas e cânceres da pele pelo RADIUM (Radio-terapia).

Ondas curtas, Ultra-violeta, Infra-vermelho, Neve-carbonica, Diatermia, Radium.

Consultório: Rua 13 de Maio, 23 — Edifício Dante-7.º and. — salas 723/4. Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto aos sábados.

DR. UBALDO VEIGA

ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DA PÉLE E SÍFILIS

Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa. — Consultas: rua do Ouvidor, 183 5.º andar - sala 504 - nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das 16 às 17,30 horas.

MOLESTIAS DAS CRIANÇAS
DR. FRIDEL

(CHEFE DA CLINICA
DR. WITTRÖCK)

Tratamento dos vômitos, diarreia, anemia, fastio, tuberculose sífilis e moléstias da pele.

RAIOS ULTRA - VIOLETA
Av. Rio Branco, 114 - 13.º andar

Telefone: — 22-0713
Residência: Tel. 25-6692

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA ÀS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
À VENDA EM TODA A PARTE



Blusas de renda de tricô, em modelos especialmente feitos para a revista que todas as mulheres admiram: Arte de Bordar Sugestões para roupinhas infantis e para o belo sexo. Nas livrarias e bancas de jornais. Cr\$ 7,00. Pedidos também pelo Reembolso Postal. à S. A. O Malho, à Rua Senador Dantas, 15. 5.º andar. Rio.

Cr\$ 7,00. Pedidos também pelo Reembolso Postal. à S. A. O Malho, à Rua Senador Dantas, 15. 5.º andar. Rio.

Curiosidades do BRASIL

O QUE O BRASIL DEVE AO MARQUEZ DE POMBAL

Tendo grandes defeitos, sendo sobretudo despota violento, o Marquez de Pombal foi ministro habilíssimo e prestou os mais relevantes serviços à sua pátria, sustentado pela vontade firme e pela sabedoria de D. José I. O Brasil especialmente deve a esse estadista melhoramentos e providencias de importancia consideravel. Entre outras excelentes medidas que tomou o Marquez de Pombal, incorporou à corôa todas as capitancias do Brasil, que ainda tinham donatarios, e sem prejuizo destes; animou o comercio e a industria; protegeu a navegação; creou a navegação do Rio de Janeiro em 1751; defendeu a liberdade dos indios e promoveu o casamento dos portugueses com as indias; espalhou a instrução primaria pelas capitancias e considerou os brasileiros distintos, nomeando-os para elevados cargos; prohibiu que se enviassem, como era costume, para conventos de Portugal, Hespanha e Italia, donzelas brasileiras, cujos paes por calculos de egoismo, ou por excessivo ardor de religião, assim praticavam; e creou permanentemente o Vice-Reinado do Brasil, tendo a sua séde no Rio de Janeiro, para que de mais perto atendessem às guerras e complicações do sul; e finalmente, o que bastava para sua maior gloria, refreou e diminuiu notavelmente os poderes do Tribunal da Inquisição, que só do Brasil arrancára e condenara perto de quinhentos infelizes de ambos os sexos.

D. PEDRO I NA PRAÇA TIRADENTES

O terreno da Praça Tiradentes, no seculo XVIII fazia parte do Campo da Lampadosa ou Campo de São Domingos, onde foi supliciado o alferes Joaquim José da Silva Xavier, apelidado publico, 22.000 metros quadrados de superficie. Oito mil e seiscentos

metros quadrados desta praça são constituídos pelo quadrilatero ajardinado e em cujo centro geometrico está o monumento erigido em honra, ao fundador da nacionalidade brasileira. É todo de bronze, desenho do artista nacional João Maximiano Mafra, professor da antiga academia de Belas Artes, e executado com modificações pelo artista francês, Luiz Rochet. Ocupa do jardim uma area de 232 metros quadrados. Sobre uma base de granito de 3m, 30 assenta o pedestal que é octogno, mede 6m, 40 e tem nas suas faces principais, quatro alegorias representando os rios Amazonas, Paraná, Madeira e São Francisco. Dom Pedro I está a cavalo, tendo na mão direita erguida, a Constituição que jurou em 25 de Março de 1824. A vertical da estatua equestre mede 6 metros. A altura total do monumento é, pois, de 15m, 70. O bronze pesa 55.000 kilogramas A entrega do monumento à cidade efectuou-se com a maior pompa e maximo festival em 30 de Março de 1862.

A LENDA DA MANDIOCA

A mandioca, das euphorbiaceas, pode ser amarga ou doce. A primeira qualidade é conhecida simplesmente pelo nome de "mandioca" e a segunda pelo de "macaxêra". Diversas são as propriedades de mandioca. O liquido extraido da sua raiz é violento veneno, tendo como principio ativo o acido ciandridrico. A religião fetiche dos aborigenes, toda enriquecida de lendas, não podia deixar de atribuir à mandioca doce e amarga origem ou existencia sobrenatural. Foi na Sepultura da predestinada MANI, rebento de uma virgem, que nasceu uma planta de caule nodoso, cujas flores e frutos embriagavam os passaros dos bosques. Crescendo o arbusto, fendeu-se a terra, que escondia o pequenino sér de um ano, admirado em vida, pelos povos da sua aldeia e da visinhança, à semelhança de Jesus de Nazareth. E à superficie da sepultura, estendendo-se pelo interior, patenteou-se um tuberculo, de

Vendem-se uma coleção da "ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA", nos três periodos: 1909 a 1915, 1930 e 1935 ao ultimo numero publicado, e uma da "LEITURA PARA TODOS", de 1905 a 1915 e de 1919 a 1930, completas e perfeitas. Propostas a G. Pinto. Rua Joaquim Nabuco, 586 — Recife — Pernambuco.

casca cõr de terra, a cobrir uma polpa tão branca como era o corpo de MANI. Generalizou-se a lenda e a planta tomou o nome poetico de MANI-OC.

O REINO ANIMAL NO AMAZONAS

Percorrendo as margens dos rios ou os sertões do Amazonas, armado de fuzil e dos instrumentos de pesca, o viandante ao mesmo tempo que penetra o anzol na profundezã ãas aguas recolhe o peixe, pode alvejar os quadrumanos, reptis e amfibios, sem descançar a vista da prodigiosa variedade de aves e passaros que cortam o espaço, saltam pelas frondes e saracoteam à beira d'água. O naturalista Bates, que residiu 11 anos na Amazonia, colecionou 14.712 especies animaes, das quaes 8.000 completamente desconhecidas.

UM LENÇO QUE PROVOCA AGITAÇÃO NA CAMARA

O fato ocorreu sob o Segundo Reinado. A 20 de julho de 1840, debatia se com ardor, na Camara dos Deputados, a questão da Maioridade do sucessor de D. Pedro I. Essa sessão, conforme acentuam os diarios da época, "foi a mais tempestuosa a que tem assistido o nosso paiz, nestes ultimos quatorze anos".

A agitação iniciou-se desde que varios congressistas entraram a insurgir-se contra a presença, no recinto da assembléia, de um Ministro de Estado, o titular da Guerra. Declararam que não era uso um Secretario de Estado comparecer ao Congresso numa ocasião semelhante, quando se debatia uma lei em 3.^a discussão. Um deputado, o Sr. Navarro, o mais inflamado dos oradores, qualificou o comparecimento insolito do Ministro de "manobra perfida".

Havendo dado um grito: "Viva a Maioridade de S. M. I.!", as galerias proromperam em aclamações estrepitadas, ensurdecedoras, que ecoaram por toda a sala durante cinco minutos. A nota do dia porém, foi um facto jocoso. O caso do lenço.

"O Sr. Navarro — anotava um jornal — faz um movimento rapido para tirar do seio um lenço, com o qual deseja acenar às galerias, a fim de ani-

mar o entusiasmo popular. Alguns deputados abandonam o recinto, imediatamente, tomados de medo. Pensavam que era um punhal, e não um lenço, o objeto que o Sr. Navarro ia sacar do peito!."

QUEM ERA O REI DO CAFE'

Numa das edições da "A Comarca, que se editava em Mogi-Mirim (S. Paulo), no ano de 1911, encontramos a nota que segue, relativa àquele magnata. "Há vinte e dois annos, quando contava 34 anos, Francisco Schmidt, em companhia de sua esposa, imigrou da Alemanha para o Brasil.

Eram pauperrimos. Ganhavam a vida colhendo café. Annos após, o activo colono comprava alqueires de terras. Gradualmente foi aumentando sua fortuna até tornar-se o "Rei do Café".

Sua casa de moradia tem 34 quartos, e é iluminada a luz electrica. Tem estrada de ferro própria, percorrendo toda a fazenda. Tem officinas de roupas e de calçados para seus colonos e de arreios para seus animais.

Nessa admiravel fazenda há 1.126 familias de colonos, compostas de 10.000 pessoas, ocupando 1.026 casas. Possui 1 serraria, 7 olarias, 26 moinhos de fubá, 46 tulhas, 29 machinas, 10 armazens, 65 debulhadores de milho, 14 engenhos de café, 191 carroças, 617 jogos de arreios, 76 sellas, para montaria, 28 locomotivas, 82 cavallos, 746 muares, 541 bois, 668 vaccas, 97 touros, 520 bezerros, 454 caprinos, 412 suinos.

Toda a propriedade é cortada por varias linhas telegraphicas.

Existem ali atualmente 8.000.000 de pés de café.

Em um almoço de familia, certa feita, foram servidas à mesa 27 especies de frutas, que haviam sido colhidas nos vastos pomares do Sr. Schmidt.

No ano passado, suas usinas produziram mais de 10.000 sacas de açúcar.

A bolsa generosa e farta do Rei do Café está sempre à disposição dos necessitados.

Francisco Schmidt, que reside em Ribeirão Preto, fala alemão, ingles e português, e não há muito aprendeu a escrever.



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



**AGUA PURA
SAUDE SEGURA**
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES

SENUN

**Galeria
Santo Antonio**
Rua da Quitanda, 25
ESPECIALISTA EM RESTAURA-
ÇÕES DE QUADROS A OLEO

UMA REVISTA PARA O LAR!

Os modelos parisienses, americanos e nacionais, as "Páginas das Noivas" cheias de motivos encantadores, as indicações úteis nas páginas "De Coser e Outras Coisas", os riscos para bordar, arranjos da casa, contos, conselhos de beleza, notinhas úteis, receitas culinárias e muitas coisas mais, fazem de "Moda e Bordado" uma revista que agrada ao bom gosto da elegância feminina!

Em todos os jornaleiros e livrarias.

MEUS CONTOS INFANTIS

Devido ter-se exgotado em pouco tempo, pelo grande sucesso alcançado com sua primeira edição — "Meus Contos Infantís" — aprovado pela Secretaria Geral de Educação e Cultura, Irmãos Pongetti — Editores resolveram lançar uma segunda edição cartonada.

"Meus Contos Infantís" de Alma Cunha de Miranda com ilustrações de Percy Lau, acaba de sair novamente e, bem a tempo, pois, não há como um bom livro, principalmente, quando está cheio de passagens que educam e divertem como este "Meus Contos Infantís" de Alma Cunha de Miranda.

PREÇO CR\$ 15,00 — EM TODAS AS LIVRARIAS
Peça este livro pelo Serviço de Reembolso Postal à: —
IRMÃOS PONGETTI — EDITORES
RUA SACADURA CABRAL, 240 — A
RIO DE JANEIRO



Adelmar Tavares



Mucio Leão



Peregrino Junior

A NOVA DIRETORIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

A Academia Brasileira de Letras elegeu sua nova Diretoria para o ano de 1948, constituída dos Snrs. Adelmar Tavares, Presidente; Mucio Leão, Secretario Geral; Peregrino Junior, 1.º Secretario; Luiz Edmundo, 2.º Secretario; Gustavo Barroso, Tesoureiro; Rodolfo Garcia,

Bibliotecario, e Viriato Correia diretor da Revista. Elevando à Presidencia da Casa de Machado de Assis o poeta Adelmar Tavares, que já passou por todos os postos da Diretoria, os academicos agiram com grande acerto e inteira justiça.

Viriato Corrêa

Rodolfo Garcia



Luiz Edmundo



Gustavo Barroso

Impressão do MÉXICO



A capital do México, situada a dois mil e trezentos metros de altura, é uma das mais belas, originais e pitorescas cidades da América. Com mais de um milhão e meio de habitantes ela nos dá uma sensação de facilidade de movimento e de vida pouco comum na época angustiada em que vivemos. Para tamanho desafogo e bem estar contribuem decisivamente o seu clima suave e acariciante e sua topografia. Cidade plana, de avenidas paralelas, múltiplas e extensas, rasgadas em todas as direções, é um prazer deslocar-se alguém de um ponto para outro em ônibus, em "taxis"... Nunca, para subúrbio algum, se espera mais de cinco minutos por um veículo.

Capital que não conhece "filas", que não sofre a tortura da espera indefinida para a volta ao lar, após o trabalho do dia, que expõe, nos locais ricos ou modestos, cartazes anunciadores de apartamentos vazios, de casas a alugar, parece um milagre no mundo atormentado de hoje.

A humanidade que ali se agita é edificante e promissora. O conflito de civilizações está sempre a nossa vista. Basta abrir os olhos e ver. De um lado permanece, ainda, uma cultura precolombiana, com suas tradições, sua beleza artística, sua mentalidade singular. Em certos pontos da "Urbs" ou em certos locais mais distantes, como em Cuernavaca, em Tasco, ou em Puebla, vamos encontrar a presença teimosa de passadas civilizações indígenas e a marca indelével da velha cidade colonial. De outro lado se nos depara a singular cultura de Espanha, em suas cambiantes características da época de Cortez ao momento presente.

O México é um país de cor local empolgante e um dos mais típicos do Continente. Nas vizinhanças dos monumentos das civilizações autóctones encontram-se as escolas, as livrarias, os laboratórios, reveladores da inquietação cultural e da fé criadora desse povo. Sua Universidade, antiga de quatro séculos, vive uma hora de otimismo e de renovação.

A exposição do livro universitário, escrito ou organizado pelos seus professores e impresso nas próprias oficinas da Universidade, em todas as esferas da cultura — das artes às letras, da filoscopia à ciência — é o atestado vivo do pensamento e da ação das atuais gerações mexicanas. Em quantidade como em qualidade o livro universitário patenteia a energia espiritual de sua gente.

E não se acha apenas na Universidade essa ânsia de agir. O "Colégio de México", criação de um pugilo de inteligências ilustres, com um plano de ação e uma atividade, cujo modelo vamos buscar no "Collège de France", em Paris, mostra a fé mexicana na força criadora do espírito. E suas editoras, e seus museus, e suas bibliotecas, tudo isso assinala o vigor da mentalidade dominante naquele povo. Na capital, personalidades da altitude de Alfonso Reis — espírito privilegiado de cidadão do mundo — de um saber e de uma sensibilidade que fariam o orgulho de qualquer pátria, o Reitor Zubiran — homem moderno, culto, empreendedor, elevando a Universidade de México à altura de uma instituição moderna de cultura. Lúcio Mendieta y Nuñez, cujo valor como investigador social só rivaliza com a simplicidade de suas atitudes. Manoel Gámio, Diretor e estimulador do Instituto Indigenista Interamericano, Luis Recasens Siches, mestre de Filosofia do Direito e de Sociologia na Faculdade de Jurisprudência, todos eles, à frente de tantos outros valores reais, constituem a garantia legítima de um esplendor cultural muito próximo.

Para relêvo ainda maior de hora tão bela de inquietação espiritual há ainda uma pleiade brilhante de exilados espanhóis. Entre esses e na primeira linha, estão José Gaos Hijo, García Bacca, Medina Echavarría, Hernandez Ruiz, Cocio Villegas e vários mais, cada qual em seu seter cooperando com entusiasmo para o brilho e a fama do pensamento mexicano. E, para segurança da eficiência desse trabalho, agita-se nas escolas, nas associações culturais, nos centros de pesquisas, uma juventude curiosa, atenta às correntes renovadoras do pensamento e da ação, absorvida de corpo e de alma no estudo, na meditação desinteressada, nos debates construtivos das idéias.

Teste definitivo desse estado da alma da mocidade mexicana foi a atenção, o interesse e, por que não dizer, o entusiasmo, pela grande figura de Clovis Bevilacqua, quando, à convite da Universidade, a estudamos, em breve conferência, na Escola de Direito.

Esperamos que o tratado de intercâmbio cultural em perspectiva, entre a Universidade do Brasil e a Universidade do México, proporcione aos mestres e aos estudantes brasileiros a oportunidade feliz de conhecerem esse grande país.

A. CARNEIRO LEÃO
— DA ACADEMIA BRASILEIRA —



Um golpe de Vista para o Carmo

OS DOIS PASSADOS DE OLINDA

MARIO SETTE
(Fotos de OSCAR MAIA)

Alto da Sé — Olinda — onde Pernambuco nasceu . . .



J á se tornou Olinda cidade de dois passados para as gerações de agora. Duas épocas expressivas a evocar: a da formação nacional e a . . . de uns 30 anos.

O passado colonial vive mais no pensamento que na realidade visual: a paisagem terá ainda um fundo inalterável, mas todos os seus contornos de construção humana serão outros. Ao subirmos suas ladeiras, Olinda nos recorda o gabo de Duarte Coelho à sua beleza e ao seu fado de tornar-se uma vila; e imperiosas serão as visões do seu cotidiano de outrora, buliçosa de procissões, de torneios, de palanquins e de lutas. Depois, vêm os dias agitados dos flamengos, as ân-

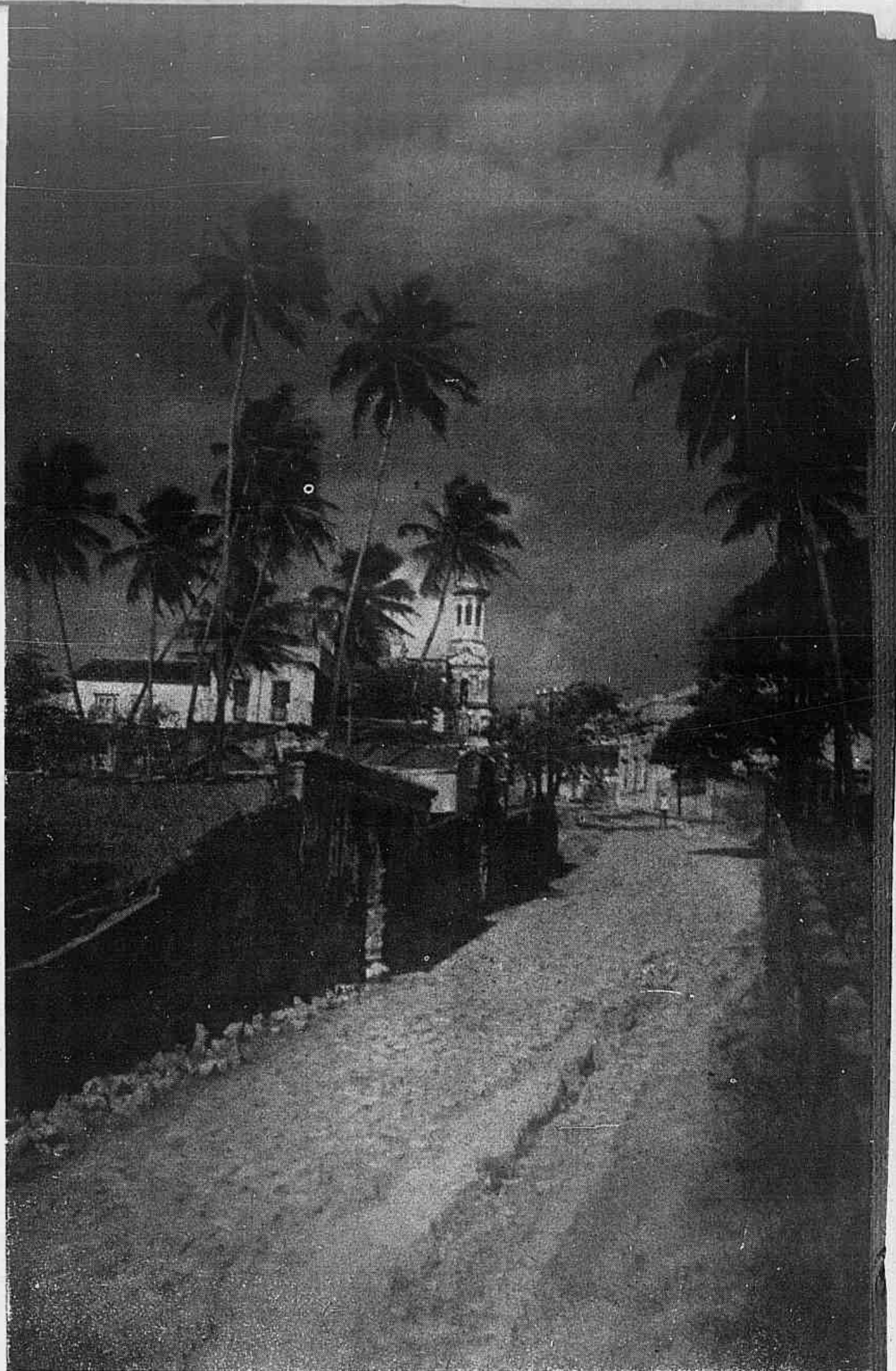
sias nativistas dos Mascates e as serenatas academicas em noites de luar . . . Historias oiindenses de séculos idos.

Desses tempos falam ainda alguns mosteiros e templos; humildes bicas e vetustos sobrados. Monumentos, sem jáca de remodelações, poucos; outros, maculados como a pobre Sé. Contudo, uma fonte de imaginação do que Olinda foi.

O outro Passado de que nós, os quase-velhos de hoje, temos saudades é o desaparecido a bem dizer ontem. Não apreciemos nem discutamos as intenções, nem as contingencias dessas mudanças. Recordemos, apenas, a Olinda de subidas esteiradas de capim ou mal arrumadas de pedras, dos tôscos lampeões de gás, das árvores esgalhadas a meio dos caminhos, de uns restos de muros de uns portões maltratados. Ia-se assim com tais cenários nos olhos, pela rua de São Francisco, pelo oitão da Misericórdia, pelo páteo do Amparo, pelo alto da Sé.

Tinha-se ali um contacto mais vivo com a Olinda da nossa Historia. O andar por êsses sítios tomaya ares de peregrinação cívico religiosa. Os proprios tropeços do piso devêso afigurava-se o sacrificio dos antigos cor-tejos de penitencia.

O oitão da Misericórdia



A subida da Sé

— Mas, hoje, os automoveis precisam galgar a cidade alta para os turistas admirá-la com comodidade . . .

É verdade. O progresso tem essas exigencias.

— E os turistas, sensíveis às tradições sentir-se-ão mais satisfeitos nessa moldura de quatro séculos, por deslisarem num calçamento de avenida civilizada?

Pode ser também certa a negativa. O culto ao Passado reveste tais "exquisitices".

É o eterno conflito de interpretações do Belo e do Útil. De um lado o sentido das ruinas, de outro a amplitude da lâmpada elétrica. O asfalto e a lage. O nicho da procissão dos Passos e a Caixa d'Água. Não sejamos bizantinos no discutir o que se tornou memoria e o que se fez tangível.

Dois passados de Olinda, sim O de Reverendo Baers em sua vilegiatura de 1630 e o da nossa juventude quando iam colher pitangas nas encostas da velha Sé . . .

Da velha Sé! E ela fazia, também, tanta questão de se modernizar? . . .

Três paineiras à BEIRA da ESTRADA

GUSTAVO BARROSO
DA ACADEMIA BRASILEIRA

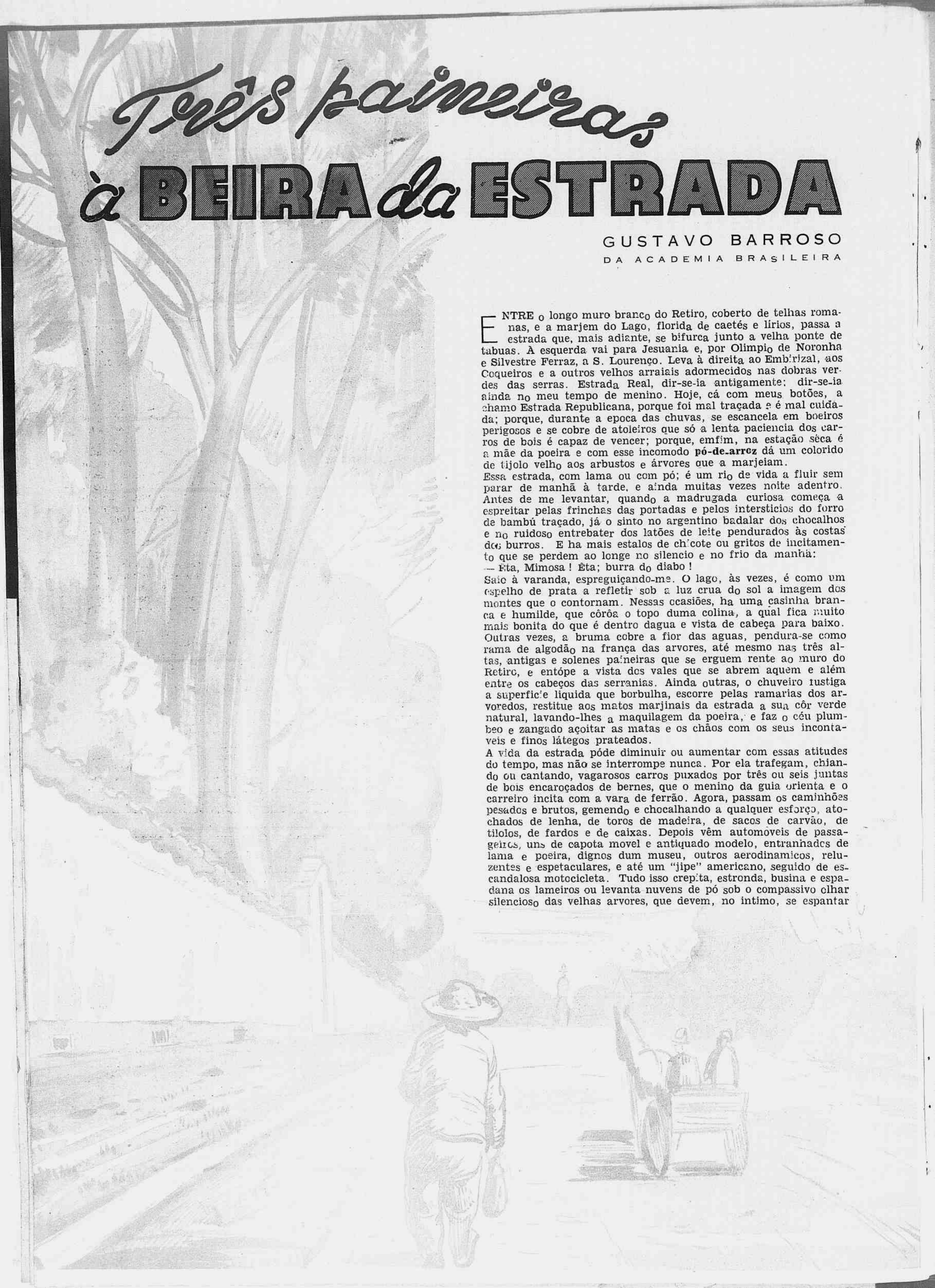
ENTRE o longo muro branco do Retiro, coberto de telhas romanas, e a margem do Lago, florida de caetés e lírios, passa a estrada que, mais adiante, se bifurca junto a velha ponte de tabuas. A esquerda vai para Jesuânia e, por Olímpio de Noronha e Silvestre Ferraz, a S. Lourenço. Leva à direita ao Embirizal, aos Coqueiros e a outros velhos arraiais adormecidos nas dobras verdes das serras. Estrada Real, dir-se-ia antigamente; dir-se-ia ainda no meu tempo de menino. Hoje, cá com meus botões, a chamo Estrada Republicana, porque foi mal traçada e é mal cuidada; porque, durante a época das chuvas, se escancara em boeiros perigosos e se cobre de atoleiros que só a lenta paciência dos carros de bois é capaz de vencer; porque, enfim, na estação seca é a mãe da poeira e com esse incomodo pó-de-arroz dá um colorido de tijolo velho aos arbustos e árvores que a marjeiam.

Essa estrada, com lama ou com pó; é um rio de vida a fluir sem parar de manhã à tarde, e ainda muitas vezes noite adentro. Antes de me levantar, quando a madrugada curiosa começa a espreitar pelas frinças das portadas e pelos interstícios do forro de bambú traçado, já o sinto no argentino badalar dos chocalhos e no ruidoso entrebater dos latões de leite pendurados às costas dos burros. E ha mais estalos de ch'cote ou gritos de incitamento que se perdem ao longe no silencio e no frio da manhã:

— Éta, Mimoso! Éta; burra do diabo!

Saio à varanda, espreguiçando-me. O lago, às vezes, é como um espelho de prata a refletir sob a luz crua do sol a imagem dos montes que o contornam. Nessas ocasiões, ha uma casinha branca e humilde, que corôa o topo duma colina, a qual fica muito mais bonita do que é dentro d'agua e vista de cabeça para baixo. Outras vezes, a bruma cobre a fior das aguas, pendura-se como rama de algodão na frança das arvores, até mesmo nas três altas, antigas e solenes paineiras que se erguem rente ao muro do Retiro, e entópe a vista dos vales que se abrem aquem e além entre os cabeços das serranias. Ainda outras, o chuveiro rustiga a superficie líquida que borbulha, escorre pelas ramarias dos arvoredos, restitue aos matos marginaes da estrada a sua cor verde natural, lavando-lhes a maquilagem da poeira, e faz o céu plumbeo e zangado açoiar as matas e os chãos com os seus incontáveis e finos látegos prateados.

A vida da estrada póde diminuir ou aumentar com essas atitudes do tempo, mas não se interrompe nunca. Por ela trafegam, chian-do ou cantando, vagarosos carros puxados por três ou seis juntas de bois encaroçados de bernes, que o menino da guia orienta e o carreiro incita com a vara de ferrão. Agora, passam os caminhões pesados e brutos, gemendo e chocalhando a qualquer esforço, atochados de lenha, de toros de madeira, de sacos de carvão, de tilolos, de fardos e de caixas. Depois vêm automóveis de passageiros, uns de capota movel e antiquado modelo, entranhados de lama e poeira, dignos dum museu, outros aerodinamicos, reluzentes e espetaculares, e até um "jipe" americano, seguido de escandalosa motocicleta. Tudo isso crepita, estronda, busina e espandana os lameiros ou levanta nuvens de pó sob o compassivo olhar silencioso das velhas arvores, que devem, no intimo, se espantar



do aparecimento de tais monstros por aquelas dôces e retiradas paragens. Surjem tambem jardineiras que roncam e resfolegam carregadas de gente humilde e sacos de bagagem.

A alegria da estrada é a musica das sinetas, dos guisos e dos chocalhos. Os grandes maestros são as burras-madrinhas das tropas que trazem produtos do campo para a cidade ou levam desta para a roça as mercadorias de consumo fácil. Caminham com passo elegante e garboso à frente da recova, quase sempre sem carga ao lombo, ajazadas de vermelho e de guiseiras ao pescoço, que vão retinindo e ritmando o passo das mulas carregadas. E eu sei que as minhas tres grandes paineiras conversam, quando as madrinhãs passam, lá nos ultimos ramos diante do céu azul, que as escuta na paciência infinita da eternidade:

-- Hein, mana, que tal?

— Formidável! Foi a burra madrinha mais bonita que passou por aqui.

— É que musica! que harmonia! como é diferente daqueles guinchos desses carroções sem burros que fedem e cospem lama na gente!

As charretes ligeiras, pintadinhas de amarelo, de azul, de prateado, de verde e de vermeino, que deslisam sobre as rodas de borracha, rapidamente puxadas ao trote largo das pilecas, vão tambem cantando estrada agora, entre o embevecimento do mundo vegetal, a canção ligeira das campainhas vibrantes. E os meios tou dessa musica natural são dados pelos chocalhos preguiçosos e enruquecidos das vacas que caminham pastando, como quem não tem e não quer ter nenhuma pressa.

Barulheira fazem pela estrada os meninos que, a horas certas, vem dos arredores para a escola publica da cidade ou dela regressam para casa. Gritarias. Correrias. Assobios. Traquinadas. Pedradas a torto e a direito. Os passaros fogem. Os bentevis cantam de longe, pendurados na vouita moveção dos altos bambús, e os marrequinhos do lago calam o seu eterno grasnado e enfiam a cabeça nagua, num mergulho medroso. Rudyard Kipling escreveria, se os visse, que eram uma nova tribo dos Bandar-log, da macacada sem juizo. Eu acho que as minhas tres velhas paineiras pensam como o autor do "K.m"...

O vai-vem de gente a pé é continuo. Passa o operario que vai e volta do serviço, manchado de cal ou conduzindo um serrote. Passa o morador abastado das proximidades, calçado, bem vestido e de gravata, com galocnas, capa de borracha e guarda-chuva, se são precisos. Passa o lavrador esfarrapado e magro, de enchada ao ombro. Passam os velhos carregando sacos. Passam os mendigos e alejados arrastando sua miseria. Passam as mulheres tangendo ou carregando os filhos miudos. Passam os malucos e os bebedos. Entre esses, ha um que diverte a paisagem. Um dos altos choupos sussurrantes que ladeiam o portão do Retiro sempre que o avista diz baixinho para o outro:

— Aquí é como em Portugal, nossa terra natal, ha constantemente uns sujeitos que só andam em zigue-zague pela estrada. O Serapião, bebedo profissional, não faz ziques-zagues, mas dansa num pé só e brande um cacetinho curto, cantando monotona-

Eu sou marmiteiro!
Eu sou marmiteiro!
Contra o Br.gadeiro!
Contra o Br.gadeiro!

Não sai disso o coitado. Graças a Deus é esse o unico eco da politica que se ouve naquela estrada. Nem seriam admissiveis outros diante daquele lago de prata encastado na moldura verde das serras mineiras. As paineiras nacionais, seguidas de todos os cedros, palmeiras, araucarias, jacarandás, caobas, eucaliptos, mulungús e demais especies vegetais protestariam contra a indigna profanação. Talvez somente se calassem os meus dois choupos por serem portugueses e obrigados à discreção em terra alheia...
Todavia, há umas semanas a estrada animou-se anda mais do que de costume. Motocicletas fonfonantes correndo acima e abaixo. Caminhões carregados de homens dando vivas. Mós de roeiros mal enfarpelados, levando os sapatos pendurados das mãos para os calçarem na cidade. E, ao longe, o esganiçamente infernal dos autos-falantes e o espoucar de foguetes, alguns de assobio. Fui ao portão, chamei um transeunte conhecido e indaguei do que havia. A resposta veio, fulminante:

— Eleições municipais.

Olhei desolado para as minhas três velhas paineiras hieraticas e

solenes. Elas me fitaram, uma após outra, com leve sorriso verde de zombaria. Eu sei que ficaram zangadas e que, por isso, este ano quase se não cobrirão de flores. É pena que a maldita politica tenha vindo aborrecer as minhas paineiras, que levam a vida na beatifica contemplação do rio da vida da estrada!

A noite, a estrada adormece no silencio enluarado ou estrelado; mas de quando a quando a sua vida volta a palpar na voz dum caminhante que passa cantando ou tocando violão. Na conversa dum grupo que se recolhe às casas ou no passo ritmado dum cavalo de viajante solitario. Depois, mesmo que se apure o ouvido, só se escuta o cicciar dos insetos e o foi-não foi dos sapos. É a hora em que os bois se deitam bem no meio da estrada para ruminar, pensar e ver coisas que nós não vemos.

Se a estrada tem sua musica, tem tambem sua gloria. Esta quem lhe dá é a cavalaria que por ela desfila dia e noite. As paineiras abrecam os meus puros-sangues Baccarat e Juriti pela beleza das linhas, mas, demasiado nacionalistas, criticam-lhes o trote inglês e as selas francesas. Elas se derretem de prazer quando avistam um cavalo da terra com arreios tradicionais. — lombilho alto, peitoral enfeitado, cabeçadas de fivelões, redeas de trança, alforges, estribos de páu guarnecidos de couro, montado por um cavaleiro espigado, hirto, de botas curtas, calças largas, esporões de ferro, chapelão desabado e soqueixado. Vultos assim se perfilam rigidos na longa perspectiva da estrada, para lá e para cá. Ora claros e mais rapidos sob a luminosa quentura do sol, ora escuros e lentos, envoltos nos vastos capotões cor de chumbo que cobrem as ancas da montaria e lhes dão um ar solene e misterioso. Essa cavalaria rusticana mostra nos trajés e arreios sua condição de fortuna, na margem ou nas ancas roliças dos animais o bom trato que lhes sabe dar, revela, afinal, nos pormenores de sua presença, ao bom observador, uma porção de facetas da sua intimidade. Em geral, o cavaleiro passa isolado ou acompanhado do amigo, vizinho ou compadre. Os pares de cavaleiros são comuns. Mais raros os grupos e ainda mais raros os bandos. Um bando quase sempre indica um casamento que se vem fazer na cidade ou que volta para a roça, já feito. Na vinda, não se sabe bem entre as mulheres qual é a noiva, pois que o seu vestido nupcial foi mandado para uma casa amiga, onde o envergará e o despirá após a cerimonia. Apesar disso, na volta, a noiva vai à frente do cortejo ao lado do noivo e é facil conhecê-la, sobretudo pelo acanhamento. As velhas paineiras, segundo conversam, gostam muito de ver esses casamentos a cavalo. Desde que suas folhas brotaram ali à beira da estrada, há meio seculo, que a eles assistem. As roceiras a cavalo são um numero digno de nota pela ingenuidade. Na maioria continuam a montar de silhão, como é habito tradicional sertanejo. Sentam-se tambem de lado em selas de homem, a perna esquerda passada no cabeçote do lombilho e a longa saia cobrindo tudo. Mas já o modernismo vai invadindo o interior e é menos raro do que se pensa ver as matutas de calças de homem, escanchadas no lombo dos machos ou das eguas. As minhas paineiras que são muito reacionarias embriçam com isso. Dão muchôchos, cutucam-se bracejando, a dizer:

— Olha, mana, a sirigaíta!

O outro dia, como vesse um grupo de mulheres do Embirizal montadas como homens, a mais alta e mais velha das tres paineiras quis persignar-se, assombrada. Disso resultou quebrar o braço e lá veio o galho do alto com estardalhaço, espantando os cavalos das raparigas, uma das quais foi ao chão, graças a Deus sem gravidade, e quebrando-me cinco telhas romanas das que protegem o comprido muro do Retiro. Ora, positivamente, isso é coisa que uma paineira bem educada não faz. Ando, porem, desconfiado por essas e outras atitudes que as minhas paineiras são, como hoje se diz por ai, nazistas, fascistas ou totalitarias, creio até mesmo criminosas de guerra.

Esta convicção me vem do seguinte fato. Elas florescem lindamente em Janeiro. Ficam cobertas com um manto cor de rosa, que atrai miriades de insetos e bandos de passaros. Depois, surgem os pesados frutos que contêm a utilissima paina e que só mais tarde se abrirão para soltá-la. É justamente na época da frutificação que a cidade proxima se enche de veranistas, na maioria procedentes do Rio de Janeiro. Então, a vida da estrada se duplica. Incessante o vai-vem de charretes, conduzindo aos passeios da Volta do Lago ou da Mata anciãos e matronas, senhoras e senhoras, rapazes e raparigas, aias e crianças. A todo instante, passam a pé, de bicicleta ou a cavalo os hospedes dos hotéis. E ainda outros se espalham a pescar pelas marjens do lago ou voagam sobre as aguas em botas de aluguel.

As tres velhas paineiras contemplam todo esse movimento desusado de má catadura. Creio que é nesse tempo que lhes crescem nos troncos ponteagudos e perversos espinhos. Aquele mulheril solto, de calças ou de chortes, a rir, parolar e divertir-se, aquela rapazeada fútil e bulhenta, aquela meninada sem inocência e sem educação causam-lhes mal aos nervos. É o resultado não se faz esperar. De vez em quando, um dos frutos pesados, ainda verdes, cai lá do alto, certo, na cabeça duma dodivanas ou dum estabanado. Então, sobre certos casais suspeitos há, às vezes, quase que um bombardeio. Até galhos se partem e desabam com fragor. Já contei nestes ultimos anos mais de meia duzia de cabeças quebradas e já disse às tres paineiras, com o dedo espetado, numa noite em que elas espalharam a galhadas, com o vento, uma serenata:

— Vocês acabam na forca!
Elas nem me deram a honra duma resposta.

Morazan

HEROI E MARTIR DE CENTRO-AMERICA

OSVALDO ORICO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

Quem olha o mapa da América Central tem logo a impressão de uma colcha de retalhos. É um conjunto de pequenas soberanias sem base geográfica, traçadas arbitrariamente, como se as erupções vulcânicas tão comuns por aquelas paragens, houvessem seccionado a terra, fragmentando-lhe a estrutura e perturbando-lhe a unidade.

Obediente a um fenómeno sísmico, o panorama político da América Central não escapa às fatalidades mesológicas que lhe são ditadas: vivo no clima dos pronunciamentos a revoluções, buscando nas mudanças violentas as soluções enérgicas para as suas crises.

Gómez Carrilo em seu livro "Trinta anos de vida boêmia em Paris", conta-nos um episódio que retrata nitidamente o ambiente agitado de Centro América a que uma erupção vulcânica ou um golpe militar empresta sempre atualidade.

Interrogado certa vez por uma linda creatura acerca de sua Pátria e profissão, confessou que era guatemalteco e escritor. A resposta produziu ligeiro espanto no espirito da pessoa que o escutava. Observando o fato, o cronista indagou a causa de semelhante surpresa. E a resposta não se fez esperar:

— O senhor disse que era guatemalteco e escritor; eu pensava que todos os guatemaltecos eram doutores...

— Não — atalhou o cronista. Todos os guatemaltecos costumam ser generais. Eu, casualmente, sou uma excepção.



Este breve relato define uma paisagem. Leva-nos a um lugar da vida americana onde se formam continuamente generais e cabecilhas.

Com o espetáculo de seus periódicos motins, vive a América Central o drama da busca de um regime compatível com o temperamento inquieto e volúvel de suas massas. E expia, até certo ponto, a penitência histórica de não haver aceitado a solução política sonhada por um de seus caudilhos. Francisco de Morazán, espécie de Bolívar esculpido na meseta hondurenha, para o qual, na Confederação dos Estados centro-americanos, estava a cidade que resolveria os conflitos que agitam essa parte do hemisfério.

Nascido na cidade colonial de Tegucigalpa a 3 de Outubro de 1792, Morazán sentiu muito cedo nas veias o sangue da terra que lhe pedia vontade e ação. Tegucigalpa estende-se ao pé de altas e pitorescas montanhas. As brisas do Sul, que trazem suavidade e frescura do formoso Cerro de Hule, unem-se às águas mansas e serenas do caudaloso Guacacrique, para intentar adormecê-la. No silêncio daquele retiro a canção do rio tem sons de berço e parece que o tempo se esqueceu de ir devorando as horas com avidez. O futuro caudilho sabe que, mais além dos montes que aprisionam sua cidade natal, há um mundo que se move.

O filho mais velho de D. Eusébio Morazán e de Dona Guadalupe Quesada deu mostras precocemente de grande inteligência e vivacidade. As Matemáticas e o Desenho absorveram-lhe a infância. Tendo trasladado seu pai os negócios a Moroseli, começa já aos 16 anos a sua vida pública com a intervenção nas deliberações do Município desta vila. Se num princípio se reduz a ajudar, por matar o tédio, ao Presidente da Câmara e ao Secretário nos assuntos da repartição, e, nos momentos livres, organiza o Arquivo do Tribunal, em breve nada se decidirá sem que se ouça antes o voto do que eles chamam "el senhorito". Contudo, sua inteligência jovem e curiosa sente que se asfixia naquele horizonte limitado; e, de acordo com os pais, regressa a Tegucigalpa para se colocar no escritório de D. León Vázquez, com o qual adquire alguns conhecimentos de Direito.

Chegam-lhe notícias de acontecimentos fundamentais na história do Continente. Acontecimentos que mudam a fisionomia política do mundo com que sonha. A proclamação a 15 de Setembro de 1821 da independência das províncias que constituíam a Capitania Geral da Guatemala, excita seu temperamento de soldado. Há uma voz interior que o convida a examinar o mapa da Pátria tão cheio de perigos e erros. Erros e perigos que exigem correção.

A vida política de América Central havia começado sob maus auspícios. Desde cedo seu destino se

viu truncado por ambições e cobiças. Primeiro foi a anexação ao Império mexicano. Depois, a discussão sobre a forma de governo que produziu fundas dissensões entre os dirigentes e semeou o germe de discórdias sem conta. Discórdias que se haviam de prolongar durante muitos anos.

Ditada em 1824 uma Constituição Federal defeituosa e postiça, cópia mal aplicada da Constituição norte-americana, só podia preservar Centro-Américas das calamidades de um instituto jurídico inadatável a presença no poder de um homem que, por seu caráter, firmeza e ilustração, pudesse governar acima de todas as paixões e partidarismos. Este homem não seria seguramente Manuel José Arce, guerreiro que havia alcançado louros na pacificação de Nicaragua, porém incapaz de fazer estáveis as instituições e afirmar sobre bases seguras a vida e a paz da República. Não tardou que o Presidente Arce converdesse pelo caminho das arbitrariedades e exércitos federais invadissem o Salvador e Honduras com o objetivo de depôr, neste último país, o Chefe de Estado D. Dionisio Herrera.

Herrera havia empregado fundos da Federação para pagar os soldados que a segurança da nação exigia ter em pé. E isto causou desgostos ao Governo Federal.

Além do mais, as tendências do chefe hondurenho levantaram contra si o clero que excomunga "para mayor honra y gloria de Dios" ao Secretário Morazán. Um atentado noturno põe em perigo não só a vida de D. Dionisio mas também a de sua mulher e filho, que dormem no quarto que os assassinos confundem com o de aquêle a quem desejavam eliminar. Todo este agitado estado de coisas faz aparecer na cena política com categoria de protagonista o jovem guerreiro de Tegucigalpa.

Está em jogo agora a defesa de Comayagua. Com o pretexto de guardar uns fardos de tabaco, se introduz em Honduras um batalhão federal sob o comando do Coronel D. Justo Milla. Comayagua é uma cidade de 18.000 habitantes e vai ficar reduzida, durante quase um século, a 6.000 apenas. A resistência dos sitiados é de uma tenacidade que limita com o heroísmo. O inimigo vê-se obrigado a incendiar a cidade. Surge, de vez em quando, uma surpresa, um ataque inesperado de aquelas forças que deviam estar desesperadas. Mas ninguém consegue enfraquecê-las. Saem até às aldeias próximas em busca de viveres e de homens que aumenta o número dos defensores. Milla sabe que há ali um braço potente que infunde ânimos e é este o braço de D. Dionisio Herrera. O seu ódio concentra-se então sobre Morazán.

Não havendo logrado que a cidade se rende pela força, os sitiados conseguem alcançá-lo pela traição. O Chefe de Honduras é levado para Guatemala. Morazán não pode ver impassível as aflições da sua Pátria e pouco demora em organizar divisões de hondurenhos e nicaraguenses que lhe hão de dar uma vitória rotunda sobre Milla em La Trinidad.

A esta vitória seguem-se outras: Gualcúo, San Antonio, San Miguelillo, Las Charcas e, finalmente, ocupação de Guatemala. Mudou a sorte de Centro-América. Agora existe um guerreiro, coroado de glória, que vela pelo país. E naquela pequena terra

— diz o Marquês de Montúfar — a sua auréola é tão grande como a que rodeou Napoleão ao regressar do Egito.

Este homem, ardente liberal, que repele os cargos que não venham de uma rigorosa votação, tem, às vezes compatível com o temperamento inquieto e ve a velha figura de Guzmán el Bueno quando, prisioneira sua família os inimigos o ameaçam com sacrificá-la se não entrega o poder. Diz, então:

— "Os refens, que os meus inimigos têm, são para mim sagrados e falam muito alto ao meu coração; mas sou o Chefe do Estado e devo atacar, passando sobre os cadáveres de meus filhos. É verdade que não sobrevirei um momento a tão tremenda desgraça".

Frente à sinistra personalidade do índio Carrera, de ambições estreitas e obscurantismo, resplandece Morazán, herói solar, que une à sua capacidade um coração intrépido e obstinado.

Quis engrandecer a Pátria, dando-lhe ao mesmo tempo união e liberdade. Com uma administração benéfica e a valentia da sua espada desejou salvá-la da anarquia. Se fracassou no empreendimento e recebeu a morte em pago, a História fez-lhe justiça.

Quando a traição, representada por Mayorga, o torna prisioneiro, o General não perde a serenidade. Pleiteia unicamente evitar as reações de Saravia e Villaseñor, que tentam suicidar-se. A noite decorre entre a contemplação do cadáver de Saravia, que consegue ingerir o veneno que levava num anel, e os cuidados ao ferido Villaseñor. Sem julgamento algum, eles são condenados a morrer fusilados. Só se lhes concede três horas de vida após a comunicação da sentença. Morazán aproveita esse tempo para redigir o testamento que entrega a seu filho Francisco.

"Declaro que o meu amor a Centro-América morre comigo. Excito à juventude, que é chamada a dar vida a este país, que abandono com sentimento porque está anarquizado, a imitar o meu exemplo de morrer com firmeza, antes que deixá-lo abandonado na desordem em que infelizmente se encontra".

"Morro com o sentimento de ter causado alguns males ao meu país, ainda que com o justo desejo de procurar seu bem; e este sentimento aumenta porque, quando tinha retificado as minhas opiniões em política na carreira da revolução e julgava fazer-lhe o bem que me tinha prometido para resgatar, deste modo, aquelas faltas, tira-se-me a vida injustamente".

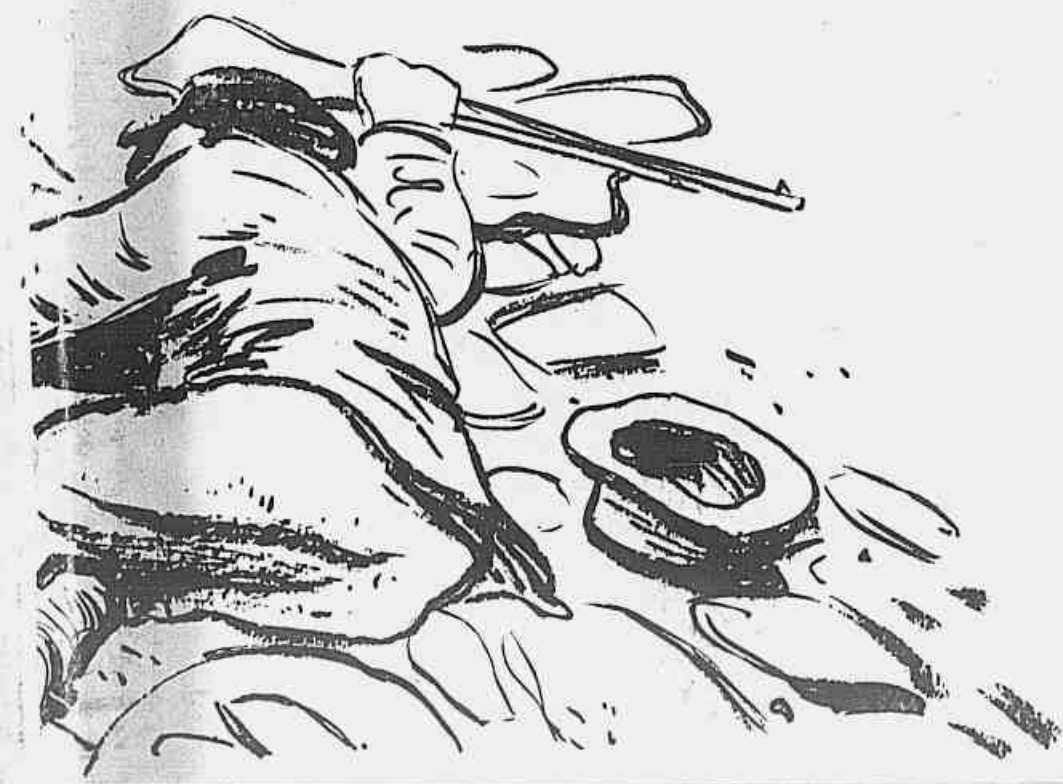
No trajeto do cárcere à praça onde terá lugar a execução, o coração transborda de angústia ante a dor do filho, Francisco de Morazán, também, que teima em morrer com ele.

Já no patíbulo, ajuda a sentar-se a Villaseñor que, devido ao seu estado não pode estar em pé, arranja-lhe o cabelo e abraça-o, dizendo: "Querido amigo, a posteridade nos fará justiça".

Em seguida, perfila-se para morrer.

"Apontai bem, filhos" — grita aos soldados. E tirando do peito um relicário que entrega a sua mulher, repete: "Agora, bem... Fogo!"

Ouve-se a primeira fusilaria. Logo após, a segunda. Foi necessário repetir a descarga para fazer parar aquêle coração teimoso e valente.





O Cavaleiro da Triste figura.

Ele sonhou demais e amou demais. Cansado,
Ôssos e pele, da cor de antigos pergaminhos,
Olha a lança partida, o escudo esfacelado,
E os pés sangrando da aspereza dos espinhos.
Se a aventura o levou por todos os caminhos,
Não teve a humilhação do sonho maldonado,
Arrebatou de encontro aos mochos e os mochos,
De asas tontas, lá estão, no céu, de lado a lado.
Herói, não teve mais que a glória do fracasso
Mas fez brotar do fundo sulcos do seu passo
A flor do Ideal que deu renome ao Campeador.
Todos temos na vida uma alma igual à sua:
Um velho lanceo que nós segue pela rua
E um velho amor que não existe... Um pobre amor.

Olegário Mariano

OURO PRETO,

A CIDADE ONDE O PASSADO NÃO MORREU

OS PINTORES E A TERRA DOS INCONFIDENTES – UM ENDEREÇO QUE SERÁ MAIS FAMOSO DO QUE CUZCO NO ROTEIRO TURISTICO DA AMERICA DO SUL

Reportagem de ALEXANDRE KONDER

Os pintores nos perdoem, mas somos de opinião que por mais que tenham procurado fixar as fachadas e os interiores das igrejas de Ouro Preto; por mais que tenham insistido em transladar para as suas telas as ladeiras e as velhas casas da antiga Vila Rica, até agora bem poucos conseguiram realizar plenamente esse intento. Via de regra, seus quadros — por mais perfeitos — resultam frios, sem alma e, não raro, mentirosos.

A culpa não é deles, entretanto. A culpa é de Ouro Preto,

onde o passado salta mais à vista do que a paisagem e o misticismo dos seus templos suplanta os trabalhos do Aleijadinho e as tintas de Ataíde.

O mesmo podemos dizer em relação à fotografia. Ouro Preto não é nada fotogenico. Resiste às melhores e mais famosas lentes. E isso porque Ouro Preto não é somente as linhas das suas igrejas, os lavabos em pedra-sabão das suas sacristias, os seus jacarandás, as suas ladeiras, as suas velhas casas.



Ouro Preto visto do alto da escadaria da igreja de S. Francisco de Paula.



Porta da igreja de S. Francisco de Assis, fundada em 1745. Esse trabalho em pedra-sabão é considerado como a obra-prima do Aleijadinho.

Ouro Preto é isso tudo, sim, mas muito mais ainda. É uma cidade que não pode ser apreciada nem compreendida em detalhe. Só em conjunto. Não apenas, entretanto, no seu conjunto físico, em tudo quanto os olhos abarcam, mas no todo da sua história, que é também um bom trecho da história pátria.

Inútil, pois, será querer-se pintar Ouro Preto com as tintas de fabricação francesa e, muito menos, com as de fabricação nacional. Isso porque se não ha cores no mercado para pinta-lo, quanto mais para gravar a sua alma, a sua atmosfera de cidade cheia de igrejas e de história, a sua nostalgia...

Ouro Preto não é uma cidade para ser vista, como Belo Horizonte, por exemplo. É, antes de mais nada, para ser sentida e amada.

Oh! quanta coisa estranha nos dizem os seus poetas!... É como se fossemos encontrar ali em baixo, nas cercanias da igreja do Pilar, o Aleijadinho vindo do S. Francisco ou do Bom Jesus de Matzinhos, depois de um longo dia de traba-

lho com as pedras-sabão sob os seus cuidados. Ou, então, chega-se a ter vontade de dar um pulo à freguezia de Antonio Dias, para se bisbilhotar, de um canto discreto das Mercês de Baixo, o passeio sentimentall do Dr. Tomaz Antonio Gonzaga pela ponte, os olhos fixos nas janelas da casa de Marilia...

Sim, porque todas essas cousas estão vivas, entram pela pele da gente a dentro, tomam conta dos nossos corações. E não importa que tenhamos visto, pela manhã, os ossos da Marilia dentro de uma lata no armario da sacristia da matriz da sua paróquia, nem que nos tenham dito que o Ataide está enterrado no S. Francisco de Mariana, nem ainda que pelos muros do antigo palacio dos Governadores apareça, em frases a giz, o resumo das reivindicações dos estudantes ou que na fachada da Casa dos Contos surjam terrivelmente monotonos na sua uniformidade os "slogans" do ex-P. C. B.

É tão penetrante a atmosfera mistica, romantica e heroica dessa cidade, que o vazio da realidade de hoje não logra matar o passado. Ao contrario! E é esta a grande força e o grande "charme" de Ouro Preto, dessa Ouro Preto tão rica em crônicas e em altares, que do alto de S. Francisco de Paula assistimos desaparecer dentro do crepusculo, enquanto o sino do Carmo anuncia o termino de mais um dia... Essa é a hora em que a cidade parece mais identificada com o seu passado, mais perto de si mesma... Nela Ouro Preto deixa de ser Ouro Preto, para ser tão somente Vila Rica, a Vila Rica dos ouros faceis e abundantes; dos tesouros del-Rey, contando à luz das lamparinas, os dobrões preciosos da Corôa; das divergencias entre as Irmandades; dos Governadores atentos aos sonhos de independência dos patriotas...

Em indo a Ouro Preto, leitor amigo, não deixes de subir até o topo da escadaria de S. Francisco de Paula para, dali, assistires o cair da noite sôbre a cidade. É um grande espetaculo para os olhos, sim, mas um espetaculo muito maior ainda para o coração. É como se assistisse-

A famosa Capela do Padre Faria construida nos fins do século XVII. Na frente, o seu cruzeiro pontifical em pedra.





A cidade de Marília vista da torre do sino de S. Francisco de Paula.

mos á ressurreição de uma das paginas mais gratas e mais gloriosas da nossa historia. E isso porque em Ouro Preto, repetimos, o passado não morreu e, quanto mais correm os anos, mais vivo ele surge ante os nossos passos, lembrando-nos não apenas muitas cousas que esquecemos, como ensinando-nos de que também nos dominios da arte, retrocedemos de uma maneira verdadeiramente dolorosa...

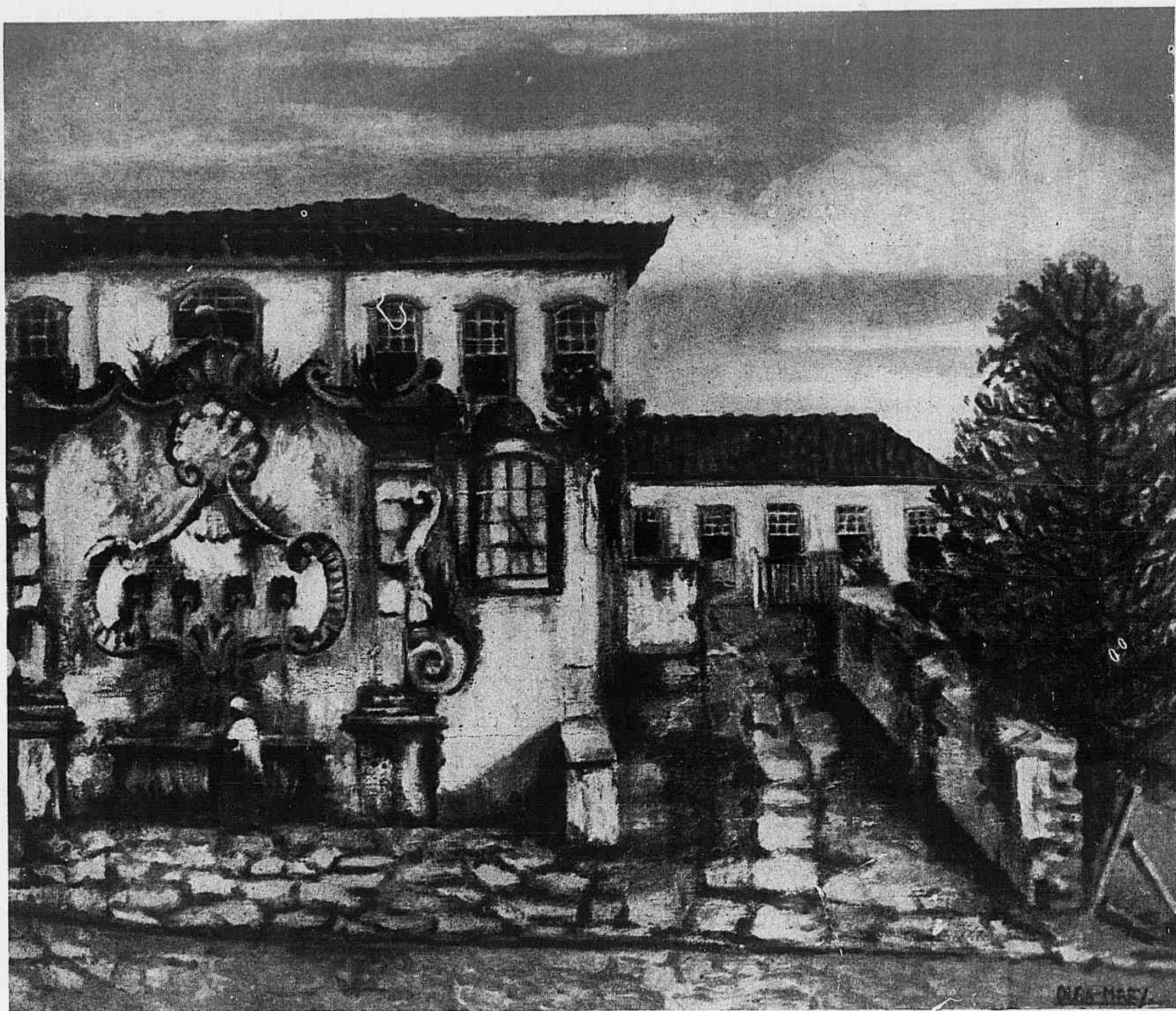
Ouro Preto está hoje sob as vistas vigilantes do Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional. Este Serviço, entretanto, seja por falta de verba ou de excesso de burocracia ou ainda por negligencia, não tem cuidado da nossa cidade reliquia como devia. Se assim não fosse, ele não permitiria, por exemplo, que velhos e preciosos manuscritos continuem a ser expostos na sacristia do Pilar ao manuseio e à bisbilhotice de qualquer visitante. O resultado é que esses magnificos documentos já estão quase imprestaveis, com páginas arrancadas e tão sujas que mais parecem um abaixo-assinado de cego pedinte, do que o livro de atas de uma igreja.

A Capela do Pe. Faria é outro pecado que está pesando na alma dos homens do Patrimonio. Não fossem as cabras que costumam brincar à volta do seu cruzeiro, dir-se-ia que esse templo está inteiramente esquecido, pois outro sinal de vida não se vê pelas suas redondezas. E é pena porque além do valor histórico dessa Capela, o seu altar-mór é tido por todos como a mais bela obra de talha dourada da cidade.

Como que lembrando a existência do Patrimonio, ha ali um livro para o registro das impressões do visitante. Esse livro está cheio dos protestos dos que não se conformam em ver esse templo em tão grande abandono. Todos esses protestos, porém, têm resultado inuteis. A gente do Patrimonio, ao que parece, resiste em tomar conhecimento deles e, como consequência, de ano para ano vai a Capela do Pe. Faria rolando mais um pouco pela escada da decadencia abaixo, até que um dia os tecnicos não en-

Panorama parcial de Ouro Preto.





Cidade toda feita de misticismo, de história e de bravura, Ouro Preto constitui um dos temas preferidos dos nossos artistas. Ai temos como Olga Mary viu o chafariz e a casa de Marília de Dirceu.

contrem mais remedio para a obra do cupim e do tempo...

Ouro Preto será, com o Rio, Recife e Baía, um dos pontos do quadrilatero do turismo brasileiro, desse turismo que, mais dia menos dia, terá que ser iniciado entre nós em grande escala, organizado sobre bases industriais, como na Europa e nos Estados Unidos. É uma cidade que ficará assinalada em maior destaque do que Cuzco no roteiro turístico da América do Sul. Isso porque nela há, às mãos cheias, tudo quanto exige o turista — paisagem, clima, historia, arte e personalidade. Sim, Ouro Preto não se compara a nenhuma outra cidade. Nela nada é copia. Até o barroco é seu. Plasmado á sua maneira, como plasmado á sua maneira é a arquitetura luso-brasileira que encontramos pelas cidades do nosso Brasil afóra!

No dia em que compreendermos que o turismo é uma das maiores e mais solidas fontes de renda para qualquer país que o queira explorar com inteligência; no dia, enfim, em que o nosso turismo deixar de ser "biscate" de meia duzia de sujeitos que vendem passagens para os lugares de fim-de-semana e for plantado sobre os alicerces em que o exploram

a Inglaterra, a França, a Suíça e tantas outras Pátrias, Ouro Preto será mais procurado do que qualquer outro endereço latino-americano.

E, então, milhares de estrangeiros voltarão aos seus países fazendo outra idéia do Brasil, certos de que não encontraram sob os nossos céus apenas paisagens e edificios de importação, mas uma cidade que não somente sustentou com o seu ouro o fausto dos soberanos lusos, como ergueu sobre os chãos do Brasil-novo uma civilização e uma arte como outras

não se encontrarão em terras da América.

Mas, para se começar a explorar o turismo — esse turismo que para muitas nações constitue a renda n.º 1 — é preciso que os nossos dirigentes se convençam de que o estrangeiro não sai da sua casa a passeio para ver arranha-céus, "night-clubs" ou o nosso tão apregoado carnaval, mas para ver algo que não exista no seu país — algo como Ouro Preto, como a Baía e Recife, ou como a beleza sem par da natureza carioca.

Ismailovich deixou de ser um pintor estrangeiro depois que o seu pincel se enamorou de Ouro Preto. Ai o vemos na sua "igreja de Pilar".





"Bairro da Ponte Seca", tela magnífica de Leopoldo Gotuzzo.

Tambem Armando Vianna não quiz deixar a sua obra sem a cidade dos Inconfidentes. Esta sua aquarela deliciosa nos mostra como ele viu e sentiu o chafariz de Marília.



Aconteceu EM 30 DIAS

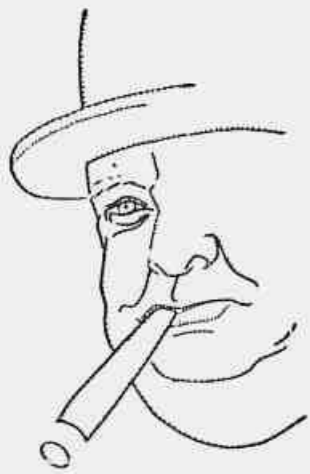
QUEM não se lembra daquela preta rentista, de olhos grandes, dentadura muito branca aberta sempre num sorriso manso, que parava nas proximidades do Teatro Municipal oferecendo violetas e amores perfeitos ao transeunte? Manhã cedo, e ela já se plantava no posto estratégico, muito calma, silenciosa, resignada.



Anos seguidos esteve eia nesse sítio movimentado da avenida Rio Branco, no seu delicado comércio de flores discretas, tão recolhidas quanto ela no seu ar de modestia e de humildade. Ninguém lhe conhecia a história. Todos simpatisavam com ela e iam comprando os ramilhetes que lhes eram oferecidos num gesto lento e sem uma palavra. Num destes dias, porém, um guarda irritado e sem compreensão humana rasgou o véu de misterio que envolvia aquela criatura. Passou por ali e exigiu-lhe a licença. Espantada, ela não lhe deu resposta. Ignorava o que poderia significar a reclamação.

— Não tem? Pois então saia daqui! O guarda era a lei, era o fisco, era o imposto, e ninguém, nem mesmo uma florista obscura podia mercadejar na rua sem permissão da autoridade competente. Mas o funcionário quiz impor a sua vontade, e como se cumprisse uma determinação divina, encheu-se de zelos e ofendeu a mulher. Ela, subito, transfigurou-se. Reagiu. Apanhou uma pedra e atirou-a contra o guarda. Este sentiu que o desacato era enorme, e não teve dúvidas: prendeu a rapariga e conduziu-a à delegacia. Ali então tudo se esclareceu: a pobre florista que não sabia o que é o imposto, trabalhava como podia, e com o que ganhava mantinha em estabelecimento de ensino secundário um filho de quem queria fazer um homem. Este o seu grande sonho. Para realizá-lo precisava apenas de uma coisa: liberdade. Acreditou que levaria até ao fim, sem percalços, a sua luta pelo futuro do menino que lhe enchia a existência. Tudo isso, entretanto, desmoronou num segundo. A policia poz em duvida a integridade mental da negra e remeteu-a para observações ao Hospicio. E talvez tivesse razão: nestes tempos agitados e confusos de brutalidade e de materialismo canibalesco, um quadro de poesia e sentimento como aquele só pode ser um caso de loucura...

CERTA agencia telegrafica espalhou pelo mundo a noticia de que Winston Churchill praticou um ato revolucionário na cidade onde se encontra para escrever o seu



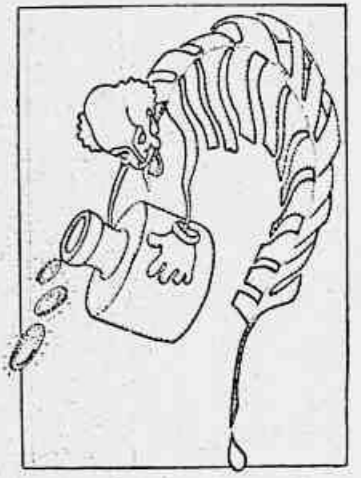
livro de memorias. Segundo a informação o velho conservador britânico quebrou as praxes consuetudinarias da sua raça e cometeu as seguintes violencias: jantou, num restaurante de luxo, envergando uma jaqueta vermelha e camisa esportiva, e almoçou em outro vestindo macacão de aviador.

lhista no poder, semelhante violação aos costumes ingleses há de trazer ao grande cidadão os maiores aborrecimentos. O fato de ter sido ele o organizador da vitória na última guerra não tem para o caso a mínima influencia, pois a politica já o mandou repousar depois do triunfo. Aliás, é preciso recordar que a Inglaterra não admite de seus filhos nenhuma ação capaz de arrastar a tradição. E lá é habito infligir aos audaciosos desse genero castigos exemplares. Basta lembrar o episodio da desgraça de Oscar Wilde. Encarcerado, aviltado, expulso da patria, o genio da "Balada da prisão de Reading" sofreu tudo isso apenas porque couseu ferir a linha da hipocrisia clássica de seus compatriotas dos fins do século XIX. O que se escreveu sobre a sua conduta privada, o que se levou aos tribunais como razão da brutalidade da pena, não passou de cortina de fumaça para explicar as tremendas cóleras da justiça. O que perdeu Oscar Wilde foi a sátira da sua defesa, a irreverencia dos seus paradoxos, o sarcasmo com que tratou a magistratura inimiga do riso. E o pior para o mestre de tantas obras primas que a posteridade não se fatiga de admirar foi a sua coragem de andar nas ruas de Londres, com ares quase misticos, com um lirio na mão... Mas nada acontecerá a Churchill, homem pratico e do século XX, porque ele cometeu o seu "crime" longe das ilhas, numa cidade de Marrocos.

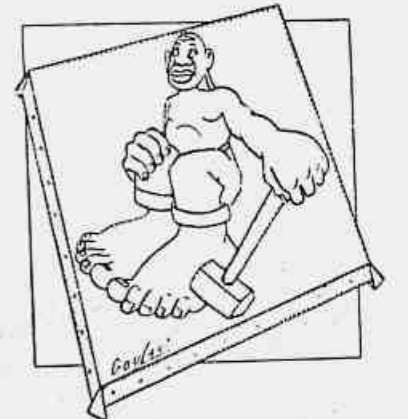
A resolução do Parlamento Nacional inter-vindo na economia domestica das empresas jornalisticas criou o que nunca se imaginou pudesse existir na comunidade da nossa profissão: a luta de classe. Nasceu desse ato de incompreensão legislativa um conflito de interesses entre empregados e empregadores que sempre se entenderam num clima de liberdade. Não foi, sem duvida, essa a intenção da maioria que votou o projeto. Mas a realidade é que as suas consequências ai estão no hoque provocado pelos debates psterires na tribuna e na imprensa.

Talvez alguns deputados e senadores bem intencionados houvessem pensado no bem-estar dos trabalhadores da pena. A esses é que nos dirigimos nestes comentarios de bom-senso. Disseram-lhes que diversos grandes órgãos de publicidade auferiam lucros extraordinários e remuneravam mal a seus servidores. Não entramos na apreciação da minucia. Preferimos examinar a questão de um ponto de vista mais amplo e considerar o problema à luz de um critério realista. Ao lado de algumas folhas poderosas e aparelhadas de opulento maquinário, florescem inumeras que dependem da organização grafica de terceiros. Estas dispendem para a sua manutenção trinta e quarenta por cento mais do que as que têm oficinas proprias. São restritas, porisso mesmo, as suas possibilidades no terreno da materia remunerada. E' impossível, assim, atender aos dispositivos legais em igualdade de condições com as empresas de recursos mais abundantes. Para o publico, dois diários de larga circulação são aparentemente identicos. Não é licito, entretanto, compará-los quando um tem oficina sua e outro

não a possui. A aplicação da lei acabará por matar muito jornal e revista. E ficarão desempregados os que neles exerciam a sua atividade. Todavia outra seria a situação se o Poder Legislativo se tivesse lembrado de convocar as entidades de classe diretamente interessadas para o necessário entendimento. O que se fez agora foi preparar o aniquilamento de uma fonte de renda a pretexto de favorecer os seus beneficiários...



Os dirigentes brasileiros se acostumaram, de longa data, a não dar importancia, senão muito relativa, aos graves problemas do espirito. O que transcende da orbita financeira afigura-se-lhes cousa de somenos, e daí o se manifestarem às vezes fenomenos perturbadores da vida nacional que eles só percebem quando os seus efeitos se definem de forma alarmante. Está neste caso o modernismo nas artes plasticas, tomado por muita gente como uma simples brotoeja novidadeira, e que encerra, no entanto, uma verdadeira mística revolucionaria. Um de seus criticos mais autorizados afirmou em artigo recente: "Chegamos a esse instante de grave relêvo histórico a que, passada a fase polemica do modernismo, o espirito tende a construir sobre os novos postulados fixados. Cessada a revolução, estanque o impeto da aventura, procede-se agora ao levantamento racional dos elementos que traçarão a ordem futura". Estes periodos, escritos sobre o Salão Nacional de Belas Artes de 1947, traduzem a convicção do autor de que chegou a hora dos rebeldes substituirem os antigos na direção do certame, e de serem expulsos da primeira linha os representativos da nossa cultura artistica tradicional. Os passos iniciais para esse dominio já foram dados, pois a maioria dos que dirigiram o Salão é de elementos vinculados ao modernismo. A habilidade destes se deve a fisionomia semi-modernista da Divisão Geral. Quem tiver olhos de ver que procure as obras expostas. Vencida, que foi, essa etapa, como o reconhece o critico a que nos reportamos, resta a organização da "ordem futura". Essa depente apenas da aprovação de um projeto de deputado do extinto Partido Comunista, e no qual maquiavelmente se propõe a instituição oficial de dois Salões: um Moderno e outro Geral. Por lei expressa, e não por um simples regulamento de alçada ministerial, fica o governo obrigado a armar com dinheiros do Estado um grupo de artistas cujo objetivo é o de liquidar aqueles que se formaram na Escola Nacional de Belas Artes e mantêm vivo o fogo sagrado da educação classica. Mais alguns passos à frente, e virá então a proposta da "unificação", e o Brasil será no mundo o primeiro país a reconhecer o modernismo deturpador da beleza como a mais alta expressão de arte. O mais curioso em tudo isso é que esse esboço de ditadura do espirito vem sendo preparado em nome da liberdade de criação estetica. Nem mais nem menos...





Os Reis Magos na **ARTE FIGURADA**

FLÉXA RIBEIRO
PROF. CATEDRÁTICO NA ESCOLA
NACIONAL DE BELAS ARTES

O símbolo que é uma representação sintética de natureza abstrata, é a única força representativa de contágio perene. Como ele não é definido, nem de significação lógica, concreta, cada um o imagina, e por conseguinte, o cria, a seu modo.

Evidentemente que num aparato geral, na sua forma narrativa, o símbolo se apresenta sempre com modalidades plásticas semelhantes.

Mas ele se diferencia, nêsse ponto, da alegoria — que é sempre analítica e exterior; alguma coisa de superficial. Já a *figura* é definida, de marcação limitada, com recortes fisionomizantes.

São três categorias bem diversas, mas que se amparam na representação imaginativa: o símbolo, a alegoria e a figura.

O cristianismo dos primeiros séculos, na época das Catacumbas (I, II, III séculos), antes da Paz da Igreja, teve naturalmente que empregar os símbolos, como elementos de convicção.

E todos sabem que o próprio Cristo aparecia como o Bom Pastor, com o anho no dorso, segundo a prefiguração do Hermes Chrisóforo de Cálamis.

Mas ali havia apenas uma transmutação de indivíduos: no de Hermes se inscreveu Cristo, e o apelido mudou. No tocante aos demais símbolos, como o Mar, o Navio, a Âncora e o Farol, eram coisas materiais de usança corrente, cujo apêlo a imaginação popular, se acentuava no desenvolver da vida diária. Para ser completamente sugestivo,



bastava a imagem. Era uma transposição do plano material para o espiritual. Não era a personificação de uma coisa abstrata. Por assim dizer, o recorte da mesma coisa, uma significação diferente.

Talvez somente na Orante é que o esforço inicial, da arte cristã das Catacumbas, apareça como uma pura criação. E neste caso se manifeste, no legítimo sentido no verdadeiro símbolo. Ainda que haja dúvida da representação feita pelas Orantes — ora como simples figuras sem individualidade, ora como retratos, — parece que a arqueologia cristã admite a Orante sempre como simbolizando a alma que abandona o corpo. Assim, as figuras femininas de pé, mas postas em atitudes de prece (à antiga), veste talar — que se vêem nas pinturas à-fresco das catacumbas, devem representar, simbolicamente, a alma. Aliás a inscrição "Caesidium Taustinum" parece clara: *bonae animal in pace*. Além disso, nos Atoz de Pedro e Marcelino se lê: "O carrasco afirmou que havia visto suas almas saírem dos corpos na forma de moças vestidas de roupas fulgurantes, ornamentadas de ouro e gemas, preciosas e serem levadas do céu pelas mãos dos anjos."

Neste sentido a atitude figurativa da Orante em prece talvez signifique que a alma ora pelos pecadores.

Talvez haja sido essa a primeira e mais alta criação da arte cristã. Mas ainda, ali, não havia, propriamente uma composição, pois que a Orante era fixada sempre na mesma postura, só variando o traje que às vezes era o *pallium*, às vezes a *penula*, vezes outras, e mais comumente, a *dalmática*.

A criação, no sentido plástico, realmente, começou, nas Catacumbas, com a composição simbólica da cena dos Reis Magos.

Um observador mais atilado poderia dizer que antes desse grupo existia o retrato e o epitáfio feitos à graffite; mas ambos não são propriamente uma composição.

Como se sabe, a Anunciação não é representada senão uma vez nas Catacumbas, no cemitério de Priscila. Ai a Virgem aparece sentada num trono; defronte surge um personagem de túnica que lhe vai aos pés, parecendo oferecer alguma coisa que se não define à Mãe de Deus.

Ao passo que a cena dos Reis Magos é numerosas vezes figurada. Dêsse motivo, pelo menos cinco, são anteriores à Paz

ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS
Tela de Murillo



ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS
Tela de Velasquez

da da Igreja. Talvez a primeira representação dos Reis Magos os dê em número de três. Mas a composição de melhor teor, a que ficou típica, cujo à-fresco melhor se conservou é o do cemitério de Domitila a quatro personagens que trazem dádivas. Mas já no século II, no cemitério de São Pedro e Marcelino, a arte progride na fatura e a composição simétrica se aperfeiçoa, sendo que os Reis Magos do Arco-Sóio são em número de dois. Também a Virgem não se apaga diante do Menino, ao contrário, seu vulto domina a composição. É eixo plástico e votivo.

Sem a arte figurada não seria possível que a religião nascente trouxesse para o mundo romano, e até hoje, a visão precisa das cenas representativas de sua mitologia, do seu simbolismo, de sua alegoria, de suas figuras dogmáticas, proféticas e apostolares.

Foi a força creadora do símbolo, na sua representação figurativa, que deu aos templos ímpios de hoje a certeza moral de uma doutrina que se impôs às almas pela imagem antes de fazê-lo pelo conceito.

ALEXANDRE MAGNO



VISTO POR UM ESCRITOR BRASILEIRO

Alexandre da Macedônia continúa a ser uma das mais discutidas figuras da História. Sua vida e seus feitos nunca deixaram de seduzir os homens. É difícil encontrar-se um estudo desapassionado, uma análise fria e serena do inolvidável guerreiro e estadista. Contudo, não é isso impossível, como veremos nesta página de "O direito de não ser escravo", livro em que Orvácio Santa Marina estuda a evolução social: "Espús aqui muitos dos erros da Alexandre. Não me deixei impressionar, porém, pelo grande número de autores que lhe negam o inestimável serviço prestado à humanidade como guias dos que disseminaram a cultura helênica por vastas regiões do planeta e o heroísmo de ter esmagado a ameaça da barbara, pagã civilização oriental, que pesava como um anátema sobre a alma liberal, dadivosa do Oriente. Como todos os homens, ele foi um mixto de bem e de mal. Pode-se concluir que suas grandes qualidades se equilibravam com seus grandes defeitos. Empolgava uma idéia, a mesma que sempre animou o espírito grego. E as idéias, quando fanatizam os homens, os transformam em santos monstros... Ele encarnou a pujança espiritual e material de uma época. Foi escolhido pela força superior, incognoscível, que preside o

mundo, para levar a cabo a gigantesca tarefa que realizou. Aos que o apupam e veem em todos os seus atos ação tirânica e falsas intenções, convém citar alguns fatos: durante a marcha para a Índia, numa noite muito fria, viu um soldado atrassar a custo o campo. Ergueu-se. Tomou-o pela mão e fe-lo sentar-se em uma cadeira. Durante algum tempo o infeliz ficou inteiramente inconciente. Quando recuperou os sentidos, reconheceu Alexandre e reparou onde se achava, levantou-se atemorizado. O rei, brandamente, lhe disse:

— Nada temas, camarada. Considera apenas quanto tua situação é preferível à dos persas. Se algum deles se sentasse na cadeira do imperados, seria condenado à morte. Tu, conseguiste viver por isso.

Em seus discursos aos persas definiu bem sua intenção de unificar os povos e traçar novos rumos para o futuro. No rastro do seu exército deixou os alicerces para a construção de um mundo novo. As conquistas espirituais de um pequeno povo, que se poderiam tornar elementos valiosos de educação e civiização universais, não foram aproveitados como seria de desejar.

De quem é a culpa? Bem disse Schiller: "Contra a parvoice os próprios deuses tem lutado em vão."

A língua grega que era a usada nos serviços publicos, suplantou logo nas classes superiores e médias o idioma regional em todas cidades ocupadas. Os viajantes e comerciantes, que falavam o arameo, passaram a falar o grego. Atraiu à terra, que lhes foi doada, inúmeros forasteiros. Estimulou-lhes a dedicação ao trabalho. Fundou desse modo colônias militares e agrícolas desde o Egito até a Índia.

Se não fosse pela impaciência de Antico

Epifânio — escreveu Felise Santianse — o helenismo teria anexado o judaísmo e salvado a Europa do fanatismo religioso, que tão prejudicialmente tem gravitado na história. Facilitou as comunicações entre diversas regiões do globo e, portanto, o desenvolvimento economico, intelectual e moral. As vias de comunicação tiveram extensão jamais conhecida. Estabeleceram-se itinerários regulares e rápidos — para o tempo, é claro — por terra e por mar. O tráfego contínuo facilitou o transporte de mercadorias e o intercâmbio de idéias de um ao centro extremo do mundo antigo. A invenção de máquinas acelerou a operação de carga e descarga dos navios — foram as precursoras dos guindastes e serviram para embarcar material para as grandes construções. Aumentou a eficiência dos engenhos de guerra. Os petrechos agrícolas, as bombas de propulsão, os moinhos de vento e de água deram notável impulso à exploração do solo, tendo sido aproveitados enormes áreas de terra. Foram desviados leitos de rios. Vararam-se colinas. Periandro tentou abrir um canal no istmo de Corinto.

Muitas invenções do gênio helenico puderam ser, depois de Alexandre, espalhadas pelo mundo: a clepsidra, o parafuso e o gonzo, o tórno, e o farol, o engregagem e a roda hidráulica, a bomba aspirante e impulsora. Aperfeiçoaram o cabrestante a polia, algum instrumentos de precisão, o quadrante solar, a duração e o prateado em objetos de metal, a tèmpera do ferro... O progresso, em todos os ramos de atividade, foi admirável. As fortunas aumentaram, sem esmagar os humildes, que tiveram assegurada sua subsistência. Formaram-se potências capitalistas, que chegaram a ser úteis ao equilíbrio economico: quando, em 227, um tremor de terra arruinou uma cidade, os governos e os magnatas de outras solicitaram-se para restabelecer-lhe o crédito, o que lhe permitiu refazer-se em pouco tempo.

Tudo isto se deveu em grande parte a Alexandre Magno, à energia criadora que o animava e que cobriu sua época de luz perene."



MENINA e moça, sua arte se limitou, por muito tempo, a acompanhar e a esculpir, com reminiscências clássicas, o clássico do mestre Bernardelli. Bernardelli se fixara, em escultura, no ponto alto do século XIX. amara a força prodigiosa de Carpeau e os mármore de Bourdelle.

Para Rodolfo Bernardelli, a renovação era a vida. E este cabedal de experiência, o mestre transmitiria à discipula, à inquieta mocinha Carlota Camargo Nascimento. Carlota, crismada de Loty, como iria assinar os seus primeiros trabalhos, era a juventude, a ansiedade, a surpresa feita mulher. Tudo prometia como artista, e muita coisa começava a dar para a arte, num período que a mulher ainda não é mulher, nem é menina. Sua objetividade, seu forte realismo estético, impressionava às colegas e enchia de alegria o mestre. Dava a escultura, na fase espiritual mais perturbada da juventude, a força de um talento cujas raízes iam mergulhar na profundidade do plano poético. Sua vida de "aprendiz" era uma oferenda espiritual às diretrizes do mestre.

A escultora conduzia, com a herança biológica das moças morenas do Brasil, a inteligência e persistência de vontade, de duas antigas famílias de ve-



Carlota Camargo Nascimento.

SUGESTÕES SÔBRE A ARTE DE CARLOTA CAMARGO NASCIMENTO COSTA

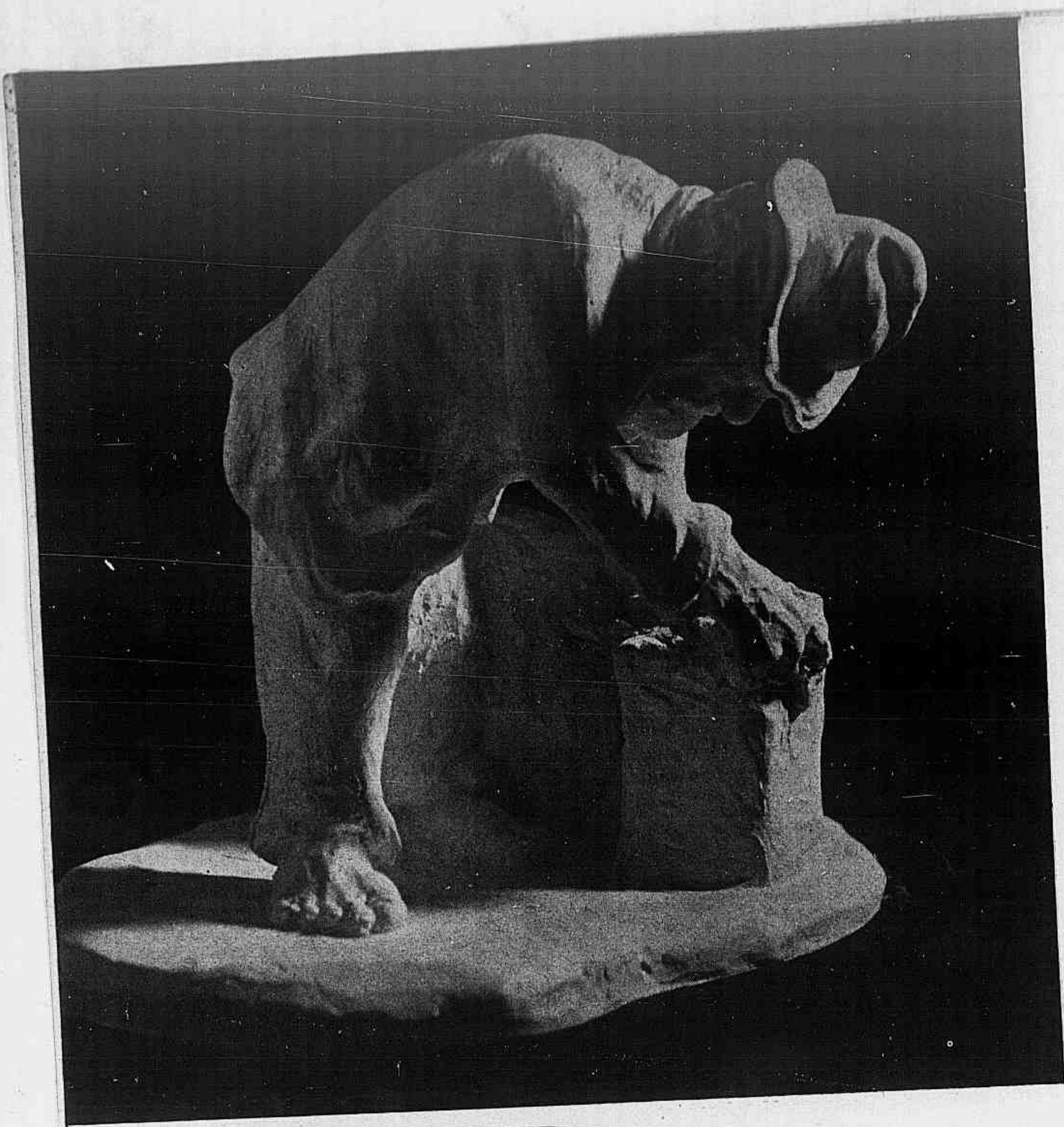
Retrato em mármore.



hos troncos brasileiros: Camargos, bandeirantes de São Paulo; Nascimentos, aventureiros do Nordeste; uns e outros conquistadores de desertos e forjadores de almas que souberam imprimir à jovem artista a coragem, o arrebatamento, a meiguice e o sentido da ordem, indispensáveis à escultura e à poesia.

E a escultora fez-se ao impulso deste áspero dinamismo, sentindo a tortura, as angústias da incompreensão e da forma, na luta por imprimir ao barro, além do contorno, a vida poderosa do espírito. Seus primeiros trabalhos atraíram para a estreada a atenção do público e muito embora pouco inclinada, por discreção de feitio, a pleitear competições, viu-se cedo requestada pelos salões de arte: o Salão Oficial de Belas-Artes premiou-a. Por esse tempo, 1934, Grande Medalha de Prata, a sensibilidade de Carlota se voltava para as influências sensíveis do mundo interior, ainda não se esgarçara o véo através do qual as moças vêm sempre a realidade da vida. São desse período os grandes trabalhos plásticos de Carlota Camargo Nascimento, "O Beijo", "O Índio flexando", "O Despertar", "A Cabeça de Sarah", "Beethoven"; e ainda outros que lhe marcaram a presença na escultura. Encerra-se este ciclo de arte com o retrato admirável do marido.

Depois do "Retrato de Joaquim", Carlota sofre a crise da maternidade, que lhe irá renovar os impulsos mais profundos da sensibilidade e dar-lhe uma mais perfeita compreensão do amor. Com a chegada do filho, o Joaquim Carlos, desatam-se as forças da introversão. O espírito alcança, pela renúncia, a suprema posse de si mesmo. Concentra-se na observação dos fenômenos do cotidiano. Sua arte passa a ser gerada nas fontes misteriosas da introspecção e do silêncio. Vive a arte através da realidade de ser mãe, da dor incompreendida, da alegria delirante de ter um filho. A auto-satisfação desperta no seu genio plástico, o amor e a ternura pelos seres que sofrem, seja o que sofre a dor gerada pela desigualdade social, seja o que sofre a dor de sentir-se sem beleza, custodiada, embora, pelo ouro da inteligência e da bondade. É a época em que sai de suas mãos o trabalho admirável "Cabeça de Maria Sabina", inteligência, renúncia, qualidades que marcam no retrato a vida sensível da pessoa retratada. É a hora do sentido humano, da serena compreensão, hora que leva a artista a ver, a sofrer, a se interessar pelo povo, por homens e mulheres que não vivem no seu nível social. Seres, pessoas, objetos do cotidiano, passam a interessá-la, o sofrimento



alheio, que ela irá reproduzir com ternura e piedade, marcará desta hora por diante a permanência da sua atitude em face da arte. A arte deixará de ser produzida para satisfação dos ricos, para reproduzir e suavisar o sofrimento dos pobres.

Define-se com nitidez a plena saturação da força artística. Já não lhe bastam a expressão e o domínio poderoso com que compreende os seres que compõem a vida. Quer a representação do mundo nas formas plásticas da escultura. Sente o trágico e sofre com o sofrimento que homens e mulheres arrastam. Compreende a dor como elemento indispensável na exaltação da arte. E revela-se poetisa. A força poética, d'ante da forma plástica, passa a reproduzir os humildes. São deste momento, que em sua vida consideramos o mais nobre, e julgamos definitivo, a sua amargura e o seu sentido pelo humano, que irá surpreender, nos detalhes de rua, nos aspectos dolorosos da cidade, para engrandecer e perpetuar em estudos, esboços e esculturas, que serão fatalmente incluídos entre os maiores trabalhos de nossa pequena escultura.

Velho trapeiro e Raio de Sol.



Por essa altura, os talentos da artista se afirmam nas expressões mais sensíveis. A poetisa e a escultora trabalham juntas, sem que as duas artes se confundam. Forte no domínio do sentimento poético, Loty alcança a plenitude na magia da forma escultórica. Sua polícroma inteligência irá operar prodígios. Interpreta o "Dom Quixote", marca retratos definitivos, esculpe tipos eternos da tragédia das ruas. O atelier, por esse tempo, recorda realidades amargas do labor proletário e consoladores reflexos dos amores populares. A vida do povo, a dor do povo, a alegria do povo, estão sempre presentes.

São fixados em definitivo, pelas mãos de Carlota, pelas mãos mágicas que constroem a série de "Bancos de jardim-público", em que os casa's humildes, o operário, a arrumadeira, a costureirinha, o marinheiro, o jovem sem profissão e a moça pobre que começa a trabalhar, abrem um parêntesis à luta e ao desespero do duro dia, para confienciarem, arrumar planos, amar e confiar.

Os "Bancos de jardim-público" estão fornecendo à artista um campo inesgotável de lirismo expressional. As calçadas cooperam, igualmente, para a sublimação desta modalidade de arte de evidente intenção social. "Raio de Sol", negro dormindo na calçada, na folga do trabalho, tem a expressão da



O marinheiro e a creadinha.



À hora da folga.

alegría do justo; "O Trapeiro", recurvo, doloroso na humildade, é bem um convite de melhor justiça para os homens; o "Velho desalentado", afirma a tristeza resignada dos humildes e confirma, também, com os demais trabalhos desta fase, a presença da escultora Carlota Camargo Nascimento Costa, entre os artistas capazes de dar alguma coisa de seu pela melhora das condições do mundo.

ANGYONE COSTA
(Do Museu Nacional)

A escultora no atelier.



A bengala passou de uso. Ninguém faz mais questão de trazê-la entre os dedos, como antigamente. E ela, que, desde o século XVII, é uma espécie de traço heráldico a sublinhar a harmonia da indumentária masculina, hoje dorme no canto enpoeirado em que se guardam os utensílios imprestáveis.

Entretanto, foi, certamente, um objeto encantador. As mulheres não considerariam elegante um cavalheiro que não apresentasse, com garbo, a sua de castão de âmbar, de crisólito ou de onix. Que o diriam, no século passado, em Paris, as filhas de general-duque de Crillon, e, também, as suas amigas marquês de Canailles, duquesa de Caraman e condessa de Léria — Mirepoix... Mas, se a bengala caiu, juntamente com outras peças, como o "plastron", o monóculo e as polainas, isto não significa que não possa ressurgir ainda algum dia.

E, como é, de fato, um elemento de nítida expressão objetiva na arte do bomtom, sem dúvida que nunca será abolida completamente, tornando a aparecer, quando menos se esperar, para, depois, eclipsar-se outra vez.

Qual a razão da decadência da bengala? Cremos que há dois fatores que têm concorrido para isso: a atividade e o senso prático desta hora essencialmente inquieta. Quem precisa mover-se a todo instante procura aliviar-se de tudo o que lhe embaraça os gestos ou o que constitui um motivo de preocupação dispensável. Se, no tempo de Luiz XIV, Luiz XV ou Luiz XVI, ninguém que se julgasse de boa sociedade deixava de levar sua bengala, quando em passeio ou ao fazer uma visita, é que a

mentalidade de então era totalmente diversa da contemporânea.

Naquela época, os homens não corriam. Andavam circunspectamente. Apoiavam-se com solenidade e mesmo com graça sobre o que lhes estivesse mais próximo, o encosto de uma poltrona, uma coluna, a porta de um carro e até uma espada.

Para que quebrar a linha, demonstrando pressa no quer que fosse? Isto era próprio dos vilões. Um nobre, uma pessoa de estirpe, não tinha necessidade de matar o tempo senão em misteres tranquilos; o ideal era, pois, não fazer coisa alguma...

Na corte da marquês de Pompadour, um mundo cujas fronteiras se marcavam, docemente, com leques de plumas, aí daquele que, sendo de bom nascimento, se esquecesse do seu leve bastão de madreperla, ao sair de casa!

Que?! percorrer um trajeto ainda que d. minuto sem ritmar, passo a passo, o movimento do corpo, senhorilmente, com meneios de cabeça, era uma prova de absoluta falta de educação!

Dias felizes aqueles em que ninguém se apressava. Havia mais serenidade nas coisas, e os homens se sentiam mais firmes dentro da vida. Hoje, não. A ânsia de passar à frente, a ambição, a idéia da conquista imediata, faz com que todos sacrifiquem a estética, renunciando ao que há de mais interessante na existência humana: o bem-estar.

Tendo que dar cotoveladas ou pisar em seu semelhante, os indivíduos de agora atiram para trás a bengala e lá a esquecem. E só se lembram dela quando, num acidente, fraturam uma perna, ou quando desejam produzir algumas equívocos num inimigo.

PADUA DE ALMEIDA

Que destino, o da bengala... Triste e humilhante. Descer das mãos de um Carlos I, da Inglaterra (ver quadro de Van Dick, no "Louvre"), tão galante e harmonioso em sua linha verdadeiramente real, para as mãos de qualquer pobre diabo que torce o pé ao saltar de um bonde...

E' desolador.

Todos sabem que Oscar Wilde tinha pela sua bengala, encimada por uma pérola preciosa, uma estima extraordinária. Era o centro da sua órbita. Com sua bengala à direita, ele confiava mais em si. Olhava do alto e em derredor. Sem ela, a sua atitude decaía... E ele dava a impressão de um pássaro que houvesse perdido as asas.

Conhecemos, aqui, em nosso país, um cônsul brasileiro que trouxe da China um bastão de marfim esculpido, com uns demônios enrolados, em alto-relevo. Esse bastão é conduzido garbosamente pelo seu dono toda vez que ele vai a qualquer solenidade.

Perguntámos, uma ocasião, a esse diplomata porque só usava aquela originalíssima bengala quando ia a reuniões de maior importância, e a resposta que nos deu foi esta: "Porque ela me faz mais seguro de mim mesmo... Trazendo-a, sinto-me outro... Pensem o que quiserem, mas isto define a minha personalidade".

Conhecemos, também, certos boêmios que não podiam dispensar a sua velha bengala enodoada, companheira silenciosa de todas as suas inocentes aventuras pelas ruas sombrias da cidade, então frouxamente iluminadas a gás. Mas, sabemos que essa afeição era interesseira: pois, quando lhes faltava o equilíbrio, depois de sucessivas lbações, em suas noitadas, elas os amparavam,

fraternalmente, evitando uma queda desagradável nas sargetas esburacadas...

A bengala, todavia, teve a sua fase épica, ou melhor, sinistra, nos tempos românticos dos nossos avós. Nem sempre ela representava um papel decorativo ou simplesmente camarada (este é bem o termo) ao lado do homem de quem compunha a "toilette", como um friso de elegância atrevida, ou a quem auxiliava, discretamente, nos momentos críticos.

A bengala, em sua história pitoresca, não foi, apenas, "casquilha" ou "útil": foi, também, "perfida" e "sanguinária". E' verdade.

Depois que perdeu a forma em espiral, nas rodas sorridentes e cochichadoras dos "encroyables", o inofensivo utensílio sugeriu a algum malfeitor uma idéia terrível. Ela-la: colocar dentro da parte de madeira, que é a sua razão de ser, uma lâmina fina e longa. Assim, o lindo castão acumulava, deslealmente, as funções de cabo de bengala e de guarda de punhal...

Foi o período nefasto dos estoques. Até quarenta anos passados, era comum verem-se inúmeros deles.

Mas, o que é indiscutível é que a bengala entrou no seu crepúsculo. Ninguém dispõe mais de tempo para "poses". O dinamismo de hoje é inexorável: o que fôr um obstáculo para a ação deve ser suprimido, ou, pelo menos, simplificado.

Século sem alma. Entretanto, em sua decadência irremediável, as bengalas ainda têm um consolo: servem de irmãs de caridade para os cegos: todas brancas, levando-os dócilmente, humildemente, pela mão, a fim de que eles não tropecem nos caminhos...



O Diretor dos Museu Histórico, Dr. Gustavo Barroso, quando discursava agradecendo a homenagem que lhe foi prestada por motivo do 25.º aniversário daquela instituição, que organizou e cuja idéia de criação lhe pertence.

Professores, funcionários e alunos do Museu Histórico Nacional prestaram significativa homenagem ao seu idealizador, fundador e diretor, Gustavo Barroso, no ensejo da passagem do 25.º ano de existência daquele estabelecimento de arte. O Museu Histórico e Gustavo Barroso, a instituição e o homem, identificaram-se neste quarto de Século, como uma unidade apenas, pela analogia entre uma alentada aspiração e uma confortadora realidade. Por isso mesmo, cabe, na oportunidade do evento, um apanhado retrospectivo sobre a "Casa do Brasil", onde a cada passo se encontram peças singelas e encerram passagens marcantes da gloriosa História Pátria.

Em 1911 Gustavo Barroso, lançava as raízes da notável obra, estribado em que todas as grandes nações possuíam museus que guardavam as tradições guerreiras e exaltavam o culto das glórias passadas: na França, o Museu dos Inválidos; na Espanha, a Armeria Real; em Portugal, o Museu de Artilharia; na Inglaterra, na Alemanha, enfim, dezenas desses estabelecimentos. Só o Brasil não contava com instituição congênera. Era então João

UM QUARTO DE SÉCULO VOTADO AO CULTO DE NOSSAS TRADIÇÕES HISTÓRICAS



Verso e anverso da medalha comemorativa do 25.º aniversário do Museu Histórico Nacional.

Pessoas presentes à sessão comemorativa do jubileu de prestígio da instituição.



do Norte, pseudônimo do acatado homem de letras, quem levantava a questão, em formoso tema de justificativa assim encerrado: "O culto da saudade é coisa que não existe... ainda não é para nós".

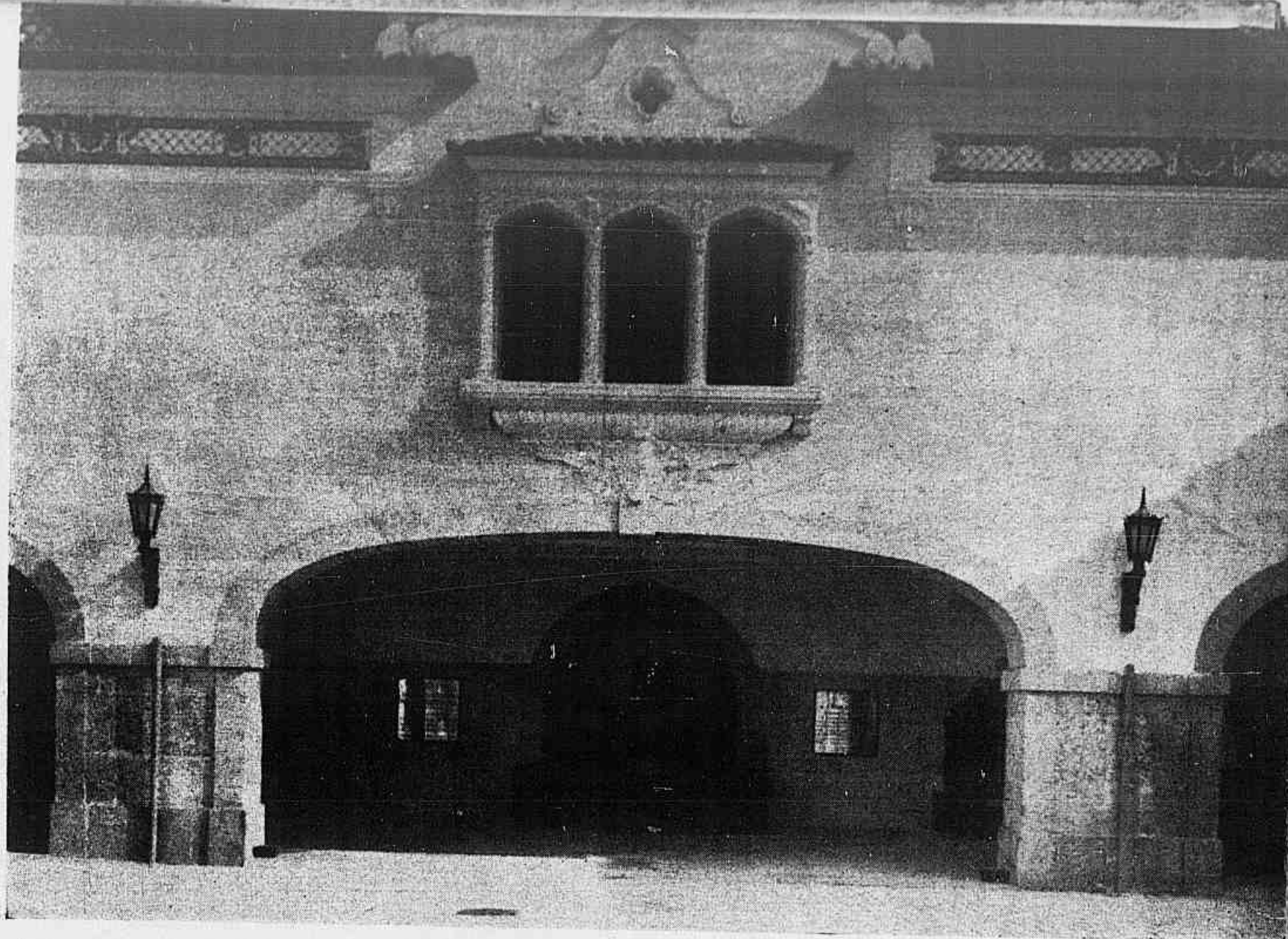
Isto foi há mais de trinta anos. Era o germe do grande programa mais tarde efetivado pelo então Presidente Epitácio Pessoa, que, com o Decreto n. 15.569, de 2 de agosto de 1932, criava o Museu Histórico Nacional. Decorria o centenário da nossa Independência e esse fato levava o Governo à convicção de que constituía lacuna imperdoável a não existência de um departamento que reunisse, com objetivo cívico e cultural tudo aquilo que trouxesse a invocação de um glorioso passado histórico, como é o nosso.

Organizado por Gustavo Barroso, naquele mesmo ano o Museu Histórico Nacional encetava suas atividades, instalado singelamente em duas salas do edifício do antigo Arsenal de Guerra da Corte, na ponta do Calabouço, no recinto da Exposição Comemorativa do Centenário. No acervo, cerca de mil peças, dentre as quais já se destacava a preciosa coleção de reliquias de Osório. Os mostruá-

rios a pouco e pouco multiplicavam-se, distribuindo-se por mais de três dezenas de salas, pórticos e pátios, repletos de objetos do maior valor histórico. Já não comportava, então o edifício todas as coleções, pelo acréscimo constante de peças, muitas das quais, como o armamento da Marinha de Guerra, de difícil localização. Decorreu daí o problema da falta de espaço, contornado no Governo Vargas, em 1938, quando foram executadas obras de vulto, salientando-se o levantamento de mais um andar em duas alas do corpo central do edifício.

Faz-se oportuno acentuar que até 1930 o Museu Histórico viveu esquecido do interesse governamental. A partir desse ano foi que recomeçou a fase de grandeza que se caracterizara nos primórdios da instituição.

Repositório de lembranças e testemunhos da glória nacional, o Museu tem ainda a seu cargo a Inspetoria de Monumentos Nacionais, criada em



Entrada do edifício onde funciona, desde sua fundação, o Museu Histórico

rificação. Para as cerimônias foram convidados pela Comissão todos os antigos alunos do Curso de Museus, criado em 1932, como departamento anexo do Museu Histórico Nacional.

Foi mandada cunhar uma medalha comemorativa do 25.º aniversário da direção de Gustavo Barroso no M. H. N. Essa medalha tem as seguintes características: no anverso, dentro de um círculo, ao centro, sob um pórtico, sentada numa banquetá, destaca-se a figura laureada da HISTÓRIA. Na orla, dispostas em semi-círculo, estão gravadas as duas seguintes inscrições, separadas por pontos cheios: "Criador Pres. Epitácio Pessoa"; "Fundador e Diretor: Gustavo Barroso".

No reverso, em plano superior, traçado em linha horizontal, destaca-se o edifício do Museu Histórico Nacional, tendo à frente o "Portão da Minerva", atual porta de entrada. Encimando o edifício, as datas da fundação e da comemoração do vigésimo quinto aniversário dessa fundação — "12-10-1922 12-10-1947". No plano inferior, numa cartela ladeada de palmas, a seguinte inscrição: "25.º Aniversário do Museu Histórico Nacional - Rio de Janeiro - Brasil".

A concepção artística da peça ora descrita, bem como o trabalho da modelagem e da conseqüente gravura, deve-se ao gravador Benedito A. Ribeiro, do corpo técnico da oficina de gravura da Casa da Moeda do Rio.



Sala dos crucifixos

Sala "Miguel Calmon"

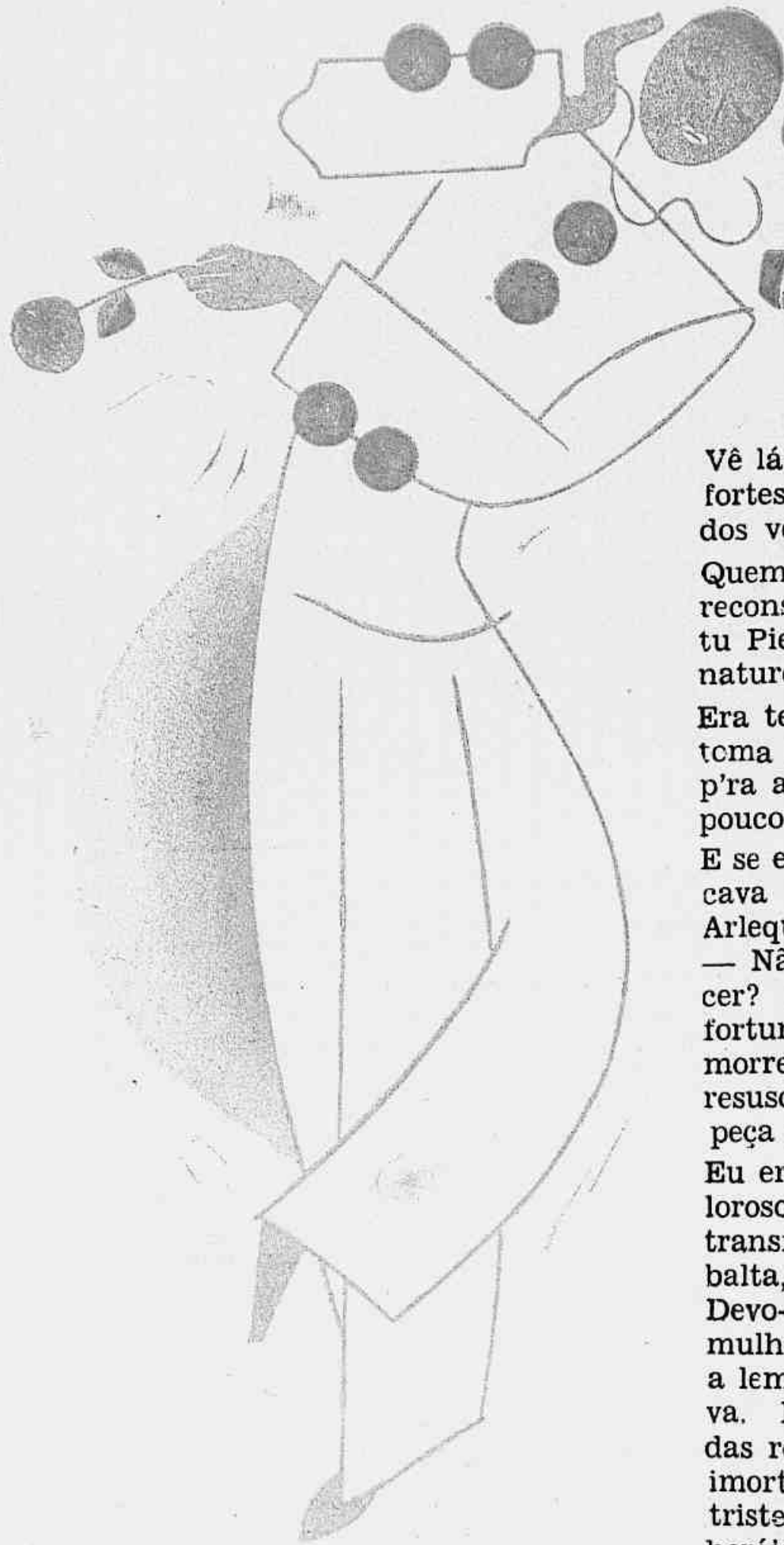
1934 e responsável por trabalhos de conservação e restauração de chafarizes, pontes, templos, etc. Divide-se o Museu Histórico Nacional em duas seções: a de História e a de Numismática, ambas com inúmeras sub-divisões. A primeira possui 10.127 objetos, estimados em Cr\$ 26.312.044,00 e a segunda, 103.338 peças, avaliadas em Cr\$ 3.967.504,00, dados esses referentes ao inventário de 1946. A seção de História compõe-se de armas defensivas, armas ofensivas, condecorações e esmaltes, objetos de arte, indumentária, joias, pinturas e fotografias, sub-dividindo-se de Numismática em numismática propriamente dita, sigilografia, filatelia e biblioteca técnica.

Gustavo Barroso, tem no Museu Histórico Nacional um motivo de glória, ele que é a própria alma do Museu. Dêle foi a sã inspiração, a ele pertencem todas as iniciativas, todas as providências em prol do desenvolvimento da "Casa do Brasil". Ali se mantém na direção geral há 25 anos, jamais enfraquecido aquele mesmo sentimento idealista que o abalançara por volta de 1911. Foi de todo merecida, pois, a homenagem que lhe prestaram, verdadeiro preito de justiça pela oportunidade, pela sig-



Pierrot

ALCIDES MAIA



Recomeça o Carnaval . . . Céus! Durante quantos dias serei forçado a figurar de novo na vistosa farandulagem multicolor desses cortejos! Ai de mim! eis o que resta da brilhante legenda que vivi . . . outrora, tive palcos de luta e de paixão, amei a sombra e o luar, cruzei armas no silêncio de parques adormecidos às estrelas, gosei a beleza dos balcões em flor . . . Abençoado o primeiro poeta que soube compreender a essência do meu ser magoado! Quem era eu? De onde saíra? Do riso e da miséria, filho da dor que escarnece. Ridículo da plebe, força quase anônima e vingadora, leviandade que faz, pensar, eu era tudo isso . . . Depois, marcê dos poetas, tornei-me um símbolo, um pequeno símbolo doloroso . . . Não os há lindíssimos? Os Gregos representavam Eros quemando Psiché sob o emblema de uma borboleta fragilima-o amor onipotente, a beleza efêmera . . . Pois eu era assim, na minha palidez e no meu estouvamento . . . Que significava? Quase nada: o logro no amor, uma aspiração condenada à burla, uma comédia que faz sofrer, uma tragédia abortada em facecia, um drama com remate bufo . . . — Ah! pois amas, Pierrot? Deveras?

Vê lá o que fazes; o amor é o luxo dos fortes, o direito dos audazes, o estema dos vencedores.

Quem ama há de construir, destruir, reconstruir, para ser digno de amar, e tu Pierrot, és leviano e volúvel, tens a natureza dos bardos . . .

Era teu o mundo, o que possuis? Vai, toma do bandolin, Pierrot, canta-nos p'ra aí umas coplas diverte-nos um pouco . . .

E se eu, a pensar em Colombina, arrancava da espada e morria às mãos de Arlequim, que tempestade de aplausos! — Não tens sorte? não soubeste vencer? não pudeste dominar a vida, a fortuna e o amor! Desaparece Pierrot, morre e, depois, para nosso gaudío, resuscita nalgum disparate cómico de peça prazenteira . . .

Eu era assim: um pequeno símbolo doloroso . . . O romantismo foi o meu transfigurador; devo-lhe glórias de ribalta, de poema, de tela, de bronze. Devo-lhe mais: o pranto de todas as mulheres que constelaram de lágrimas a lembrança da pena que me excrucia-va. Recebi a consagração das baladas românticas e eis por que me julgo imortal . . . Mas, não há fato mais triste que o avatar dos deuses e dos heróis! Como os homens mudam e como se modifica com eles a visão da beleza! Se eu pudesse morrer! O que me desespera é esta cruel transformação do meu ser alegórico, espiritual, na lamentável decadência dos costumes de hoje . . .

Ai de mim! O Carnaval . . . Durante três dias, a imagem ideal de amor infeliz e brejeiro que sempre revesti na tradição será arrastada em caricatura, através das ruas, na folia dos sequitos burgueses ou no tumulto dos cordões grosseiros. Conhece-rei ainda uma vez a filistria dos maiores, os Contagios brutais da multidão, o atordoamento dos sentidos alvoroçados ao deboche. Carnaval isto, bacanal! Ah! se eu contasse as minhas memórias, as viagens que fiz através da história, o que aprendi com os artistas e os sábios! Como eu me lembro! No

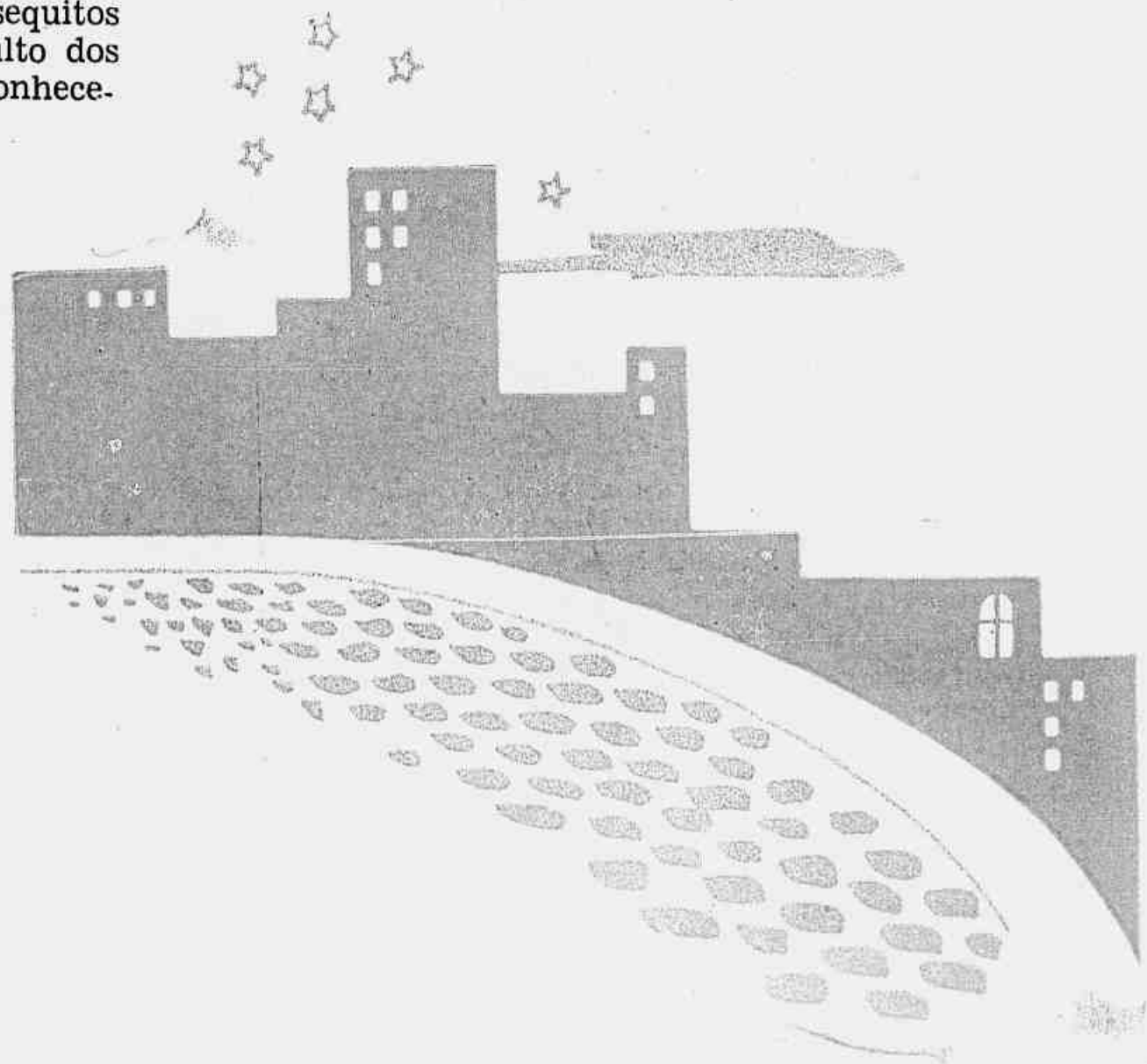
baixo-relevo de uma frisa coreográfica, Baco, hoje profanado nestas orgias sem gosto, era representado entre satiros, que o libertavam do poder dos piratas. Sentado a um rochedo, sorridente e tranquilo, o deus animava com a dextra um soberbo leão, oferecendo-lhe, para que se desalterasse, uma taça a transbordar; e, em torno, por toda parte, os satiros aligeiros saltavam, uns cobertos de peles de fera, incontinentemente nus, todos enchendo crateras, num grande surto de alegria, à tepidez do vinho, entre os chanfros verdes das parras verdes. Que ventusadia! Que soberba execução!

Pretendeis compreender o espírito ritual das bacanais? Olhai o monumento de Lisicrates . . . Para mim, meditativo Pierrot violentado de uma era sem esplendor, revive naquele risonho produto da imaginação helenica o encanto sugestivo da alma pagã na terra ainda virgem . . .

Morreram todos os grandes sonhos e, sem a ilusão que sempre as animava, as formas todos decaíram. No mundo aviltado, chama-se de realidade a se-nectude.

O amor é no presente uma patuscada de velhos de vinte anos e a liturgia estética outrora ofertada aos deuses pelo homem veiu acabar nesta bombochata . . .

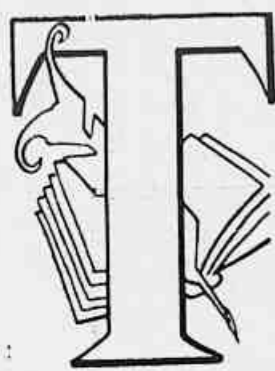
Eia, Pierrot, vence a tua melancolia, encordoa o instrumento das baladas, enfarinha-te bem e sê um folião como os outros . . .



BAILE A FANTASIA

Tela de Rodolfo Chambelland





odo; os dias, o láme dos espíritos torna-se mais íntimo e se dilata até aos mais longínquos pontes do globo.

Sómente aos povos solares, é que pertence o trabalho cultural do espírito humano, encarado sobretudo pelo seu lado íntimo, no puro domínio das ideias e dos sentimentos.

Cada nação, mais ou menos impelida de uma lei inclutável e superior às tendências exclusivas, sente uma contínua necessidade de completar-se material e moralmente, mutuando com as suas irmãs os benefícios da cultura, considerada principalmente em seus resultados práticos.

A literatura comparada é simplesmente uma pesquisa histórica das recíprocas influências, das ações e reações metaquímicas, que abalam os espíritos, em um dos vastos domínios da vida internacional.

Quando se trata de firmar uma verdade, as opiniões não são votos *que se contam*, porém votos *que se pesam*.

A literatura, como ciência, é a história da vida espiritual de uma nação, total ou parcialmente considerada, no que essa vida encerra de mais nobre e elevado acima dos interesses materiais, pela inspiração dos gênios, pelo esforço dos talentos.

A vida espiritual de um povo, em sua totalidade e em sua variedade, é sempre mais larga e compreensiva, do que o seu patrimônio literário, ainda que este seja vasto e riquíssimo.

Completa ou incompleta, no melhor sentido da expressão, a literatura de qualquer país dá sempre a conhecer o seu estado subjetivo.

A falta mesmo de agitação literária é ainda um manifesto psicológico do torpor e inuidade deste, ou daquela gente.

Cada forma do desenvolvimento e atividade espiritual tem o seu tempo.

Muitas vezes um único escritor, e numa só das suas produções, nos deixa a impressão total do mundo em que viveu.

Ainda me parece digno de nota que não são sempre os melhores escritores de um país, que podem fornecer a justa medida do modo de sentir e de pensar comum em uma época dada.

A literatura clássica tinha sobretudo o colorido de uma poesia doura, e só devem a sua popularidade à força poderosa dos gênios que a criaram.

O engano da escola histórica está em ter pressuposto um desenvolvimento plácido e pausado dos institutos jurídicos.

Sem abalos e comocões de qualquer ordem, não se dá, não se pode dar a produção do direito.

A língua não deve ser exposta como uma coisa feita e acabada, porém como uma coisa que existe

em constante *fieri*, e a gramática deve ser historicamente analisada.

A mágica beleza do mundo real, compreendida e exposta por sans e robustas inteligências, desde então tomou o lugar das inspirações vagas e confusas.

A ciência da natureza esclareceu o horizonte do pensamento humano, dissipando as nuvens do misticismo.

O que aqui importa não é saber *quanto* esta ou aquela nação pensou e escreveu, *quanto* papel consumiu em relação a outras, mas saber *o que* escreveu, *o que* pensou de grande e aproveitável, que mereça incorporar-se ao patrimônio ideal da humanidade.

Raras vezes um homem de caráter se distingue pela amabilidade.

O profetismo foi toda inspiração, entusiasmo e co-lera; seria inútil procurar nos escritos e discursos proféticos grandes vislumbres de metafísica.

É preciso reconhecer que a audácia do escritor leviano não é menos perigosa que a do leitor insensato e sem critério para dar às palavras e às ideias seu verdadeiro valor.

JOIAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

O futuro que entre os antigos era apenas uma divisão do tempo e só tinha um nome próprio e distinto na gramática, é agora um poder para que se apela, uma estrela atraz da qual vão as ideias, um braço invisível que sãne da imensidade e suspende as nações acima do planeta.

A solidão é uma visão do céu onde se escutam harmonias inauditas e se fazem revelações deslumbrantes.

As aventuras da ideia, sem serem menos arriscadas que as aventuras da ação, não fazem sempre muita honra àquelles que as empreendem.

Os filósofos tonteam na embriaguez da metafísica; não querem menos que espremer as trevas e fazer brotar a claridade do seio da noite eterna.

A teodicéia é uma futilidade, a que só reunimos o atributo de perigosa.

Si os críticos entre si não se harmonizam a respeito de uma ou de outra questão, é isto mesmo devido à fraqueza das soluções propostas, do que a um gosto exagerado de inovar e contradizer.

Eu não ignoro que da luta dos sistemas, do combate das conjecturas, pode sair muita luz.

Não basta dizer que a gratidão é a virtude da posteridade; é mister acrescentar que só a posteridade, sómente

ela, pode pagar o tributo devido ao mérito dos grandes homens.

É o feito de uma lei histórica, pela qual homens representativos, por isso mesmo que eles são a soma do trabalho evolucionar de muitas gerações, não podem ser compreendidos, e tão pouco apreciados por aquêles de que fazem parte.

A luz do gênio é sempre incomoda aos olhos dos que de perto e face a face a contemplam.

Nunca o homem se parece tanto com os animais que se nutrem de *palha*, como quando ele se nutre de bagatelas.

É um fato incontestável que o romance, em suas diversas espécies e variadas ramificações, forma hoje o campo de batalha principal de todas as forças poéticas.

Dos diversos gêneros de poesia, é o romance aquêles que oferece mais largas proporções, e pode, por conseguinte, atrair à sua esfera todos os fenômenos da vida.

O estilo não é uma aplicação dos modos da linguagem, indiferente porém ao modo de pensar. Ele repousa essencialmente sobre o movimento das ideias.

No curso do progresso humano, entre os diversos povos, e num mesmo povo em épocas diversas, vai-se mudando o tempo do pensamento, da vida íntima em geral.

O estilo de uma época não é o estilo de outra, quando elas diversificam pela forma de pensar.

Si os velhos escritores nada mais têm de comum com as graças e meneios da estilística moderna, é que eles não pensavam pelo nosso molde.

O estilo que é relativo às diferentes épocas e aos diversos povos, está em relação até com a diferença das raças.

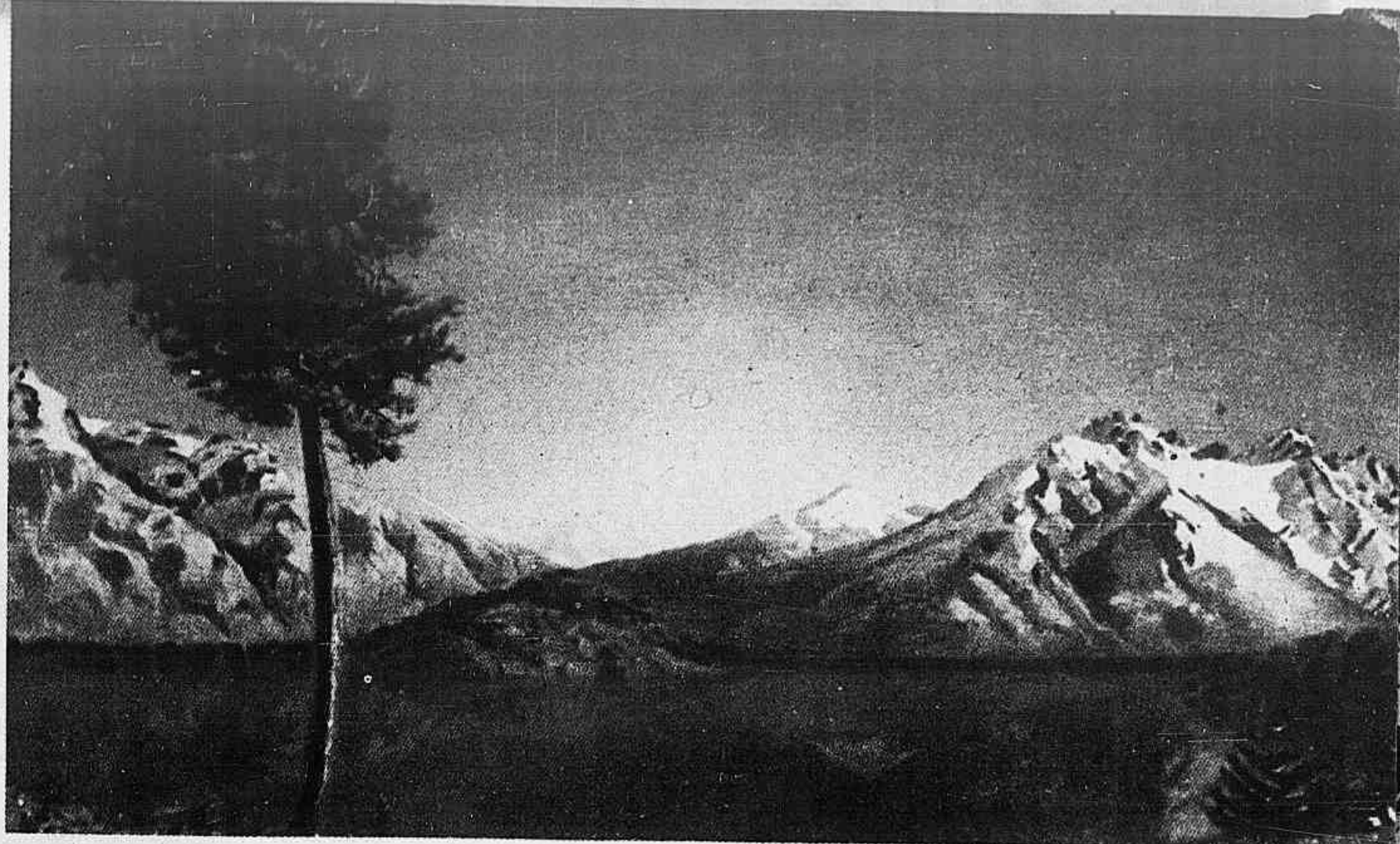
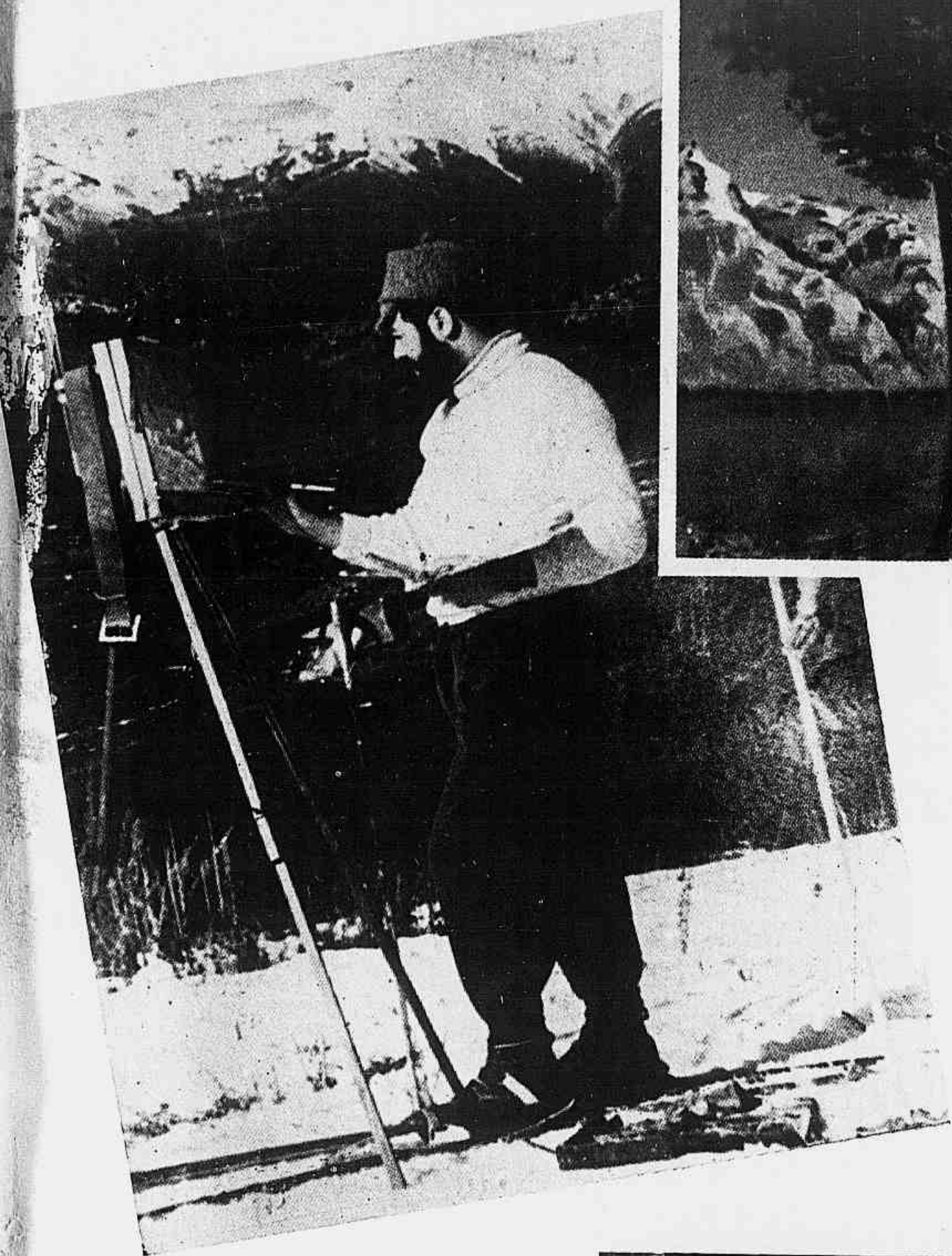
Quando a poesia não perde o caminho do céu, quando não se arreda de sua primitiva missão, altamente moral e religiosa, ela se torna uma força, um poder ativo e social.

... a poesia é a liberdade, a liberdade é a vida...

Os encantos da música mesma não se podem dizer do domínio exclusivo do ouvido; muito menos os da poesia e da eloquência que, si tiram algum valor da harmonia e cadência das frases, quasi todo o mérito lhes é dado pelo fundo das ideias.

A solidão anima o estudo, pelo silêncio, e tão sómente pelo silêncio, que as solidões escuras não agradam ao pensador.

As preleções orais dos maiores mestres nunca puderam fazer os grandes homens; estes se elevam pelos próprios trabalhos de leitura e cogitação.



EXPOSIÇÃO DE BARROS, o Mulato

Retornando ao Rio após, uma ausência de vários anos, Barros o Mulato reaparece ao mundo artístico carioca com uma exposição que tem atraído ao Palace Hotel todos os que se habituaram a admirar seu talento e sua obra.

Barros, o Mulato, viajou pelas regiões andinas, e de lá nos trouxe inúmeras telas nas quais fixou aspectos e paisagens características, agora expostas na mostra de arte a que nos referimos, e que estará franqueada ao público até o dia 15 de janeiro.

Aqui vemos o pintor quando trabalhava, em plena cordilheira andina e "Paisagem Andina", uma das suas telas mais sugestivas.



"RAPADURA" — Tela do Consagrado pintor Luiz F. Almeida Junior e que figurou no Salão de Belas Artes de 1947 —



Uma rua de Cagnes

O sol levantou-se sobre a antiga aldeia apertada entre suas muralhas medievais. Dum lado, o Mediterrâneo, milagrosamente azul, enquanto o mundo inteiro está sendo castigado por uma onda de mau tempo; do outro, as colinas de oliveiras, e, ao longe, os primeiros Alpes cobertos de neve.

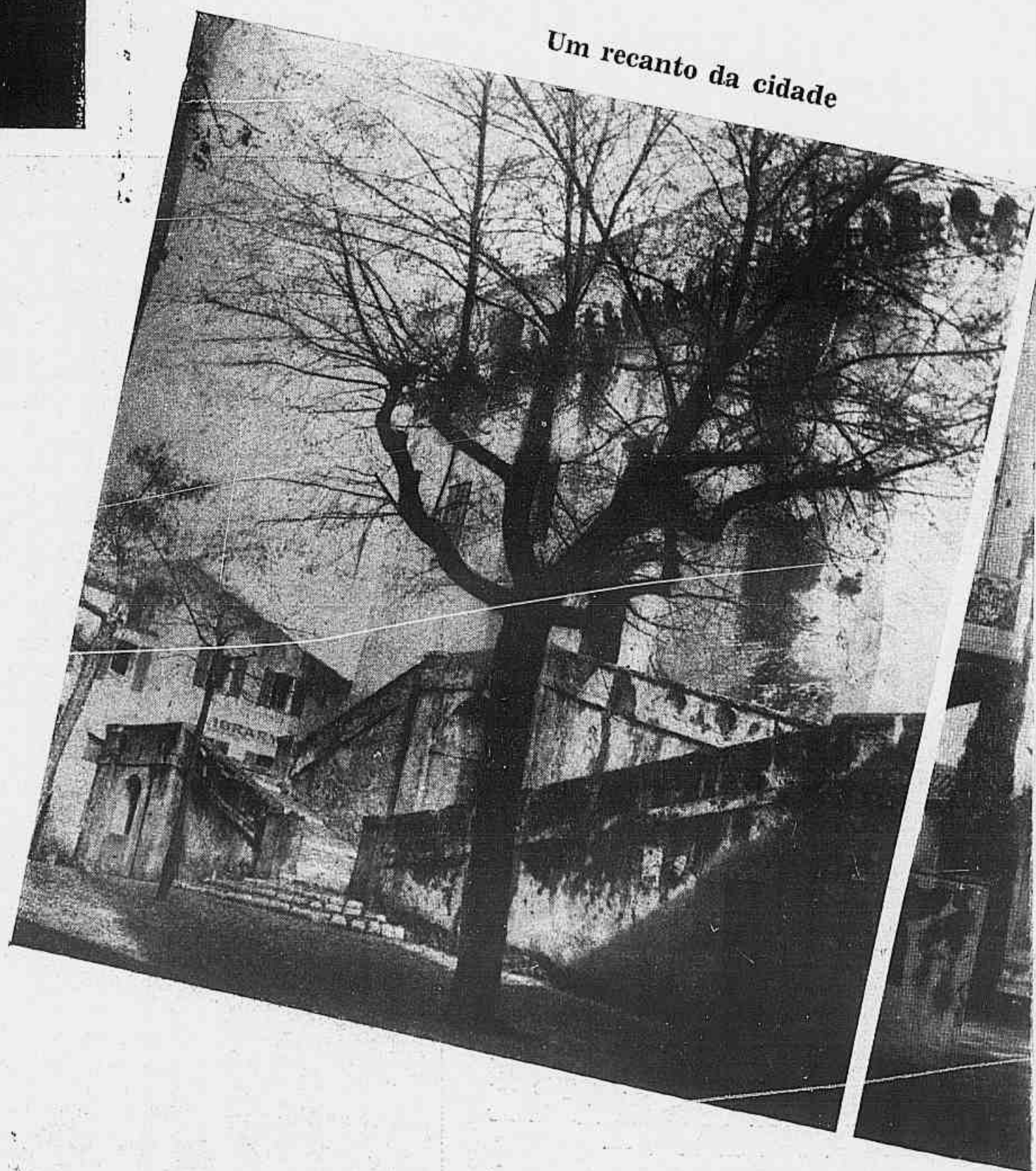
No meio desta paisagem serena, cuja beleza, não precisamente grandiosa, mas que emana somente de doçura e de harmonia, surge a pitoresca aldeia de Cagnes, edificada em cima dum outeiro.

As ruas de Cagnes parecem-se com uma decoração de cinema, mas, talvez essa decoração no cinema fôsse considerada inverossimil. Não foi por acaso que pintores, decoradores, artistas, escritores, músicos, colecionadores, ou simplesmente gente de gosto, se instalaram aí. Detrás das fachadas onde se abrem as pequenas janelas dessas casas dos séculos XV e XVI, escondem-se encantadores interiores que uma varanda adornada com flôres ou uma cortina de côr viva deixam adivinhar.

A rua principal da aldeia, antiga via romana que entra e sai das muralhas por duas portas, evoca a subida do Mont St. Michel. Aqui, acham-se o café dos pintores, a mercearia dos pintores, o restaurante dos pintores. Mas, em Cagnes, ninguém se engana sobre a autenticidade das tabuletas. São tantos os pintores que cafés, restaurantes, mercearias, quasi lhe pertencem e cada loja é uma permanente exposição de pintura. Quanto à dona do Restaurante "La Tourrelle", é um pintor de fama, Claire Maillol. Auguste Renoir, o mestre do impressionismo, foi o primeiro pintor a descobrir Cagnes-sur-Mer. Em 1906, veio para a região cuidar de seus reumatismos. É sabido que não

A Cidade dos Pintores

Por PIERRE MEUNIER



Um recanto da cidade

se curou, pois que ficou com as mãos quasi paralizadas, e que continuou pintando o auxílio de ganchos fixados nos dedos. Mas comprou a propriedade das "Collettes", e, no meio das oliveiras, pintou seus mais belos quadros.

Depois de Renoir, falecido em 1919, um sem número de pintores têm mantido a tradição de Cagnes. Hoje em dia, pôde-se encontrar em qualquer loja Charlotte Gardelle, Fuestch, Smirnoff, Villery, Claire Maillol, Winter, Mork Garnett, Fred Klein.

O meio tão simples, tão simpático da velha Cagnes mostra-se ainda melhor quando se visita o admirável castelo que domina a massa confusa dos terraços e dos telhados provençais.

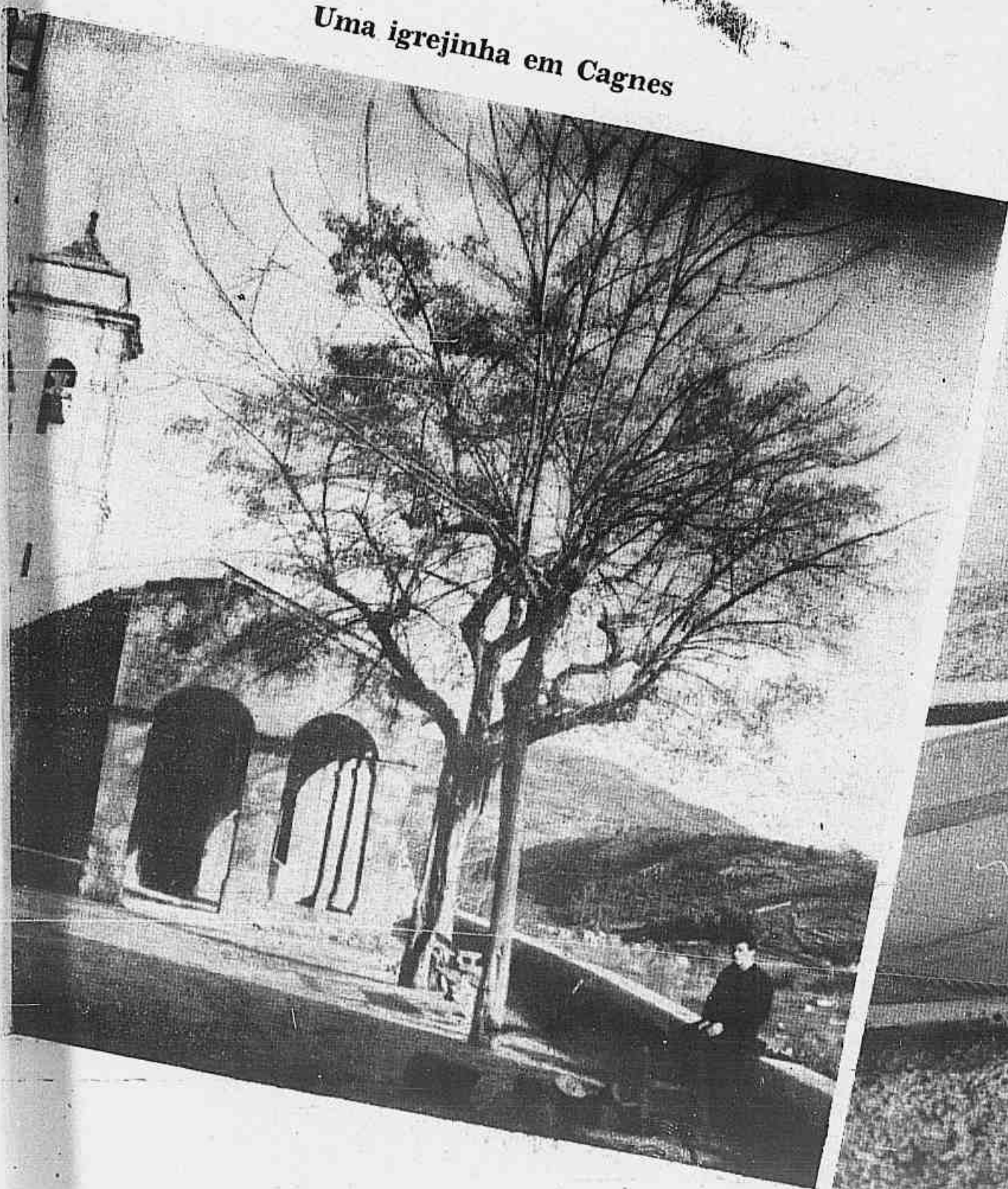
A velha Cagnes e seu antigo castelo feudal da idade média, transformado em moradia senhorial no século XVII, contém tesouros de arquitetura provençal que talvez um grande cineasta venha a descobrir um dia e faça conhecer ao mundo. "O mundo admirado que dirá: " Existia semelhante paraíso na terra, e nós não sabíamos nada?"

Talvez termine assim o paraíso, embora a invasão dos verdadeiros pintores tenha contribuído a aumentar seu pitoresco.

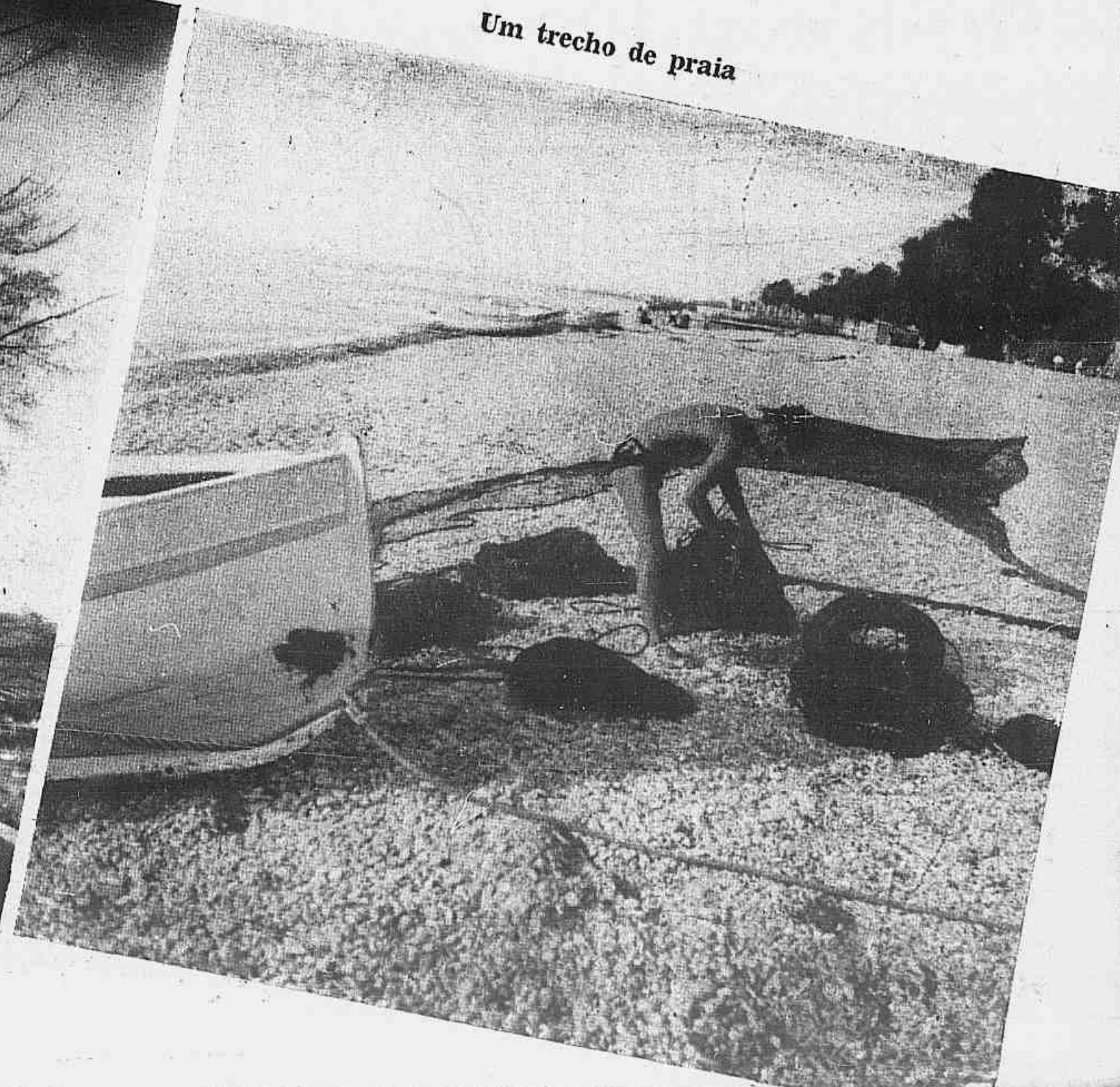


Um trecho de Cagnes

Uma igrejinha em Cagnes



Um trecho de praia





*Reubens
Rio*

Noivas

LUCIA DE SOUZA DA SILVEIRA



ELVIRA MARIA HERMES MONTREUIL



A um canto do salão, a Senhora Fernandez Cuesta, esposa do Ministro da Justiça, a Viscondessa da Casa Aguilár e a Senhora Aylagas, esposa do Diretor Geral de Prisões.

Com seu pai, o acadêmico Osvaldo Orico, Vanja dança a primeira valsa da noite.

VANJA OSVALDO ORICO



Vanja em trajes típicos acaba de bailar uma dança gitana.



Grupo de senhoritas e cavalheiros presentes à elegante recepção. A direita, o Barão de Hoppenhayer.

O ilustre diplomata e acadêmico brasileiro Osvaldo Orico e sua Exma. senhora abriram no dia 15 de Novembro os salões de sua elegante residência da Av. Castellhana em Madrid, para festejar os 18 anos de sua encantadora filha, Sta. Vanja Osvaldo Orico, São dessa recepção os flagrantes que estampamos.



Outro grupo na residência da aniversariante.

ILUSTRAÇÃO LITERÁRIA

O PREMIO NOBEL DE 1947

A maior laurea literaria do ano findo recaiu sobre um nome, cuja ressonancia, em todas as latitudes do globo, faz vibrarem de emoção aqueles que tiveram a ventura de ler seus deliciosos livros. O numero de seus leitores atinge a milhões! André Gide está atualmente com 77 anos de idade. Faz parte de uma geração de figuras proeminentes nas letras, que rompeu a rotina do comodismo e do preconceito para abrir luta em prol dos humildes, dos desherdados, dos sofrendores, que viviam esmagados sob convencionalismo condenavel. O dr. Schilt, que traduziu seus livros para o sueco, descreveu-o como "um comunista contra Stalin e um cristão contra a Igreja." Na realidade, André Gide jamais se deixou convencer pela falsa propaganda ou aceitou dogmas impostos por um poder tradicional. Combativo, esteve sempre a serviço da verdade. Por isto, fez de milhões de leitores amigos fieis, que procuravam nas páginas por ele escritas conselhos, orientação para trilhos na vida o melhor caminho. É tamanho o seu prestígio que, há uns dois meses, realizaram-se em Paris grandes vendas de livros antigos. Nessa ocasião também foram apregoadas algumas obras modernas. Entre elas, exemplares da primeira edição de *Les caves du Vatican*. Cada exemplar foi vendido a 63.000 francos!

Um dos traços mais sedutores da personalidade do grande escritor é a coragem com que desmascara os impostores. Ele proprio, quando erra, reconhece publicamente o seu erro. Quando, depois da guerra de 1918, as doutrinas socialistas e comunistas agitaram os homens de pensamento da Europa, André Gide deixou-se fascinar... Seu nome arrasou multidões. O governo russo viu nele e em outros grandes escritores franceses instrumentos aproveitáveis para seus planos de subversão do mundo. Convidou-o para ver de perto o paraíso soviético. Em 1933 desembarcou em Moscou. Pronunciou um discurso na Praça Vermelha, nos funerais de Maximo Gorki, no qual disse: "O destino da cultura está ligado nos nossos espiritos ao destino da U. R. S. S. Nós a defenderemos." Em seguida, andou visitando o que lhe quiseram mostrar... Percebeu que os grandes "idealistas" que denominavam a Rússia estendiam cortina de fumaça, para vedar a olhos perspicazes como os do autor de *Symphonie Pastorale*, a verdade sobre a "experiencia sem precedentes" que se fazia ali e como vivia aquele povo regularmente sacrificado...

Gide ficou desiludido. Ao regressar expandiu sua desilusão no famoso livro "De volta da U. R. S. S.", onde se lê: Sempre acreditei que o desejo de ser constante consigo mesmo, muitas vezes, acarreta o risco de insinceridade; penso que não se pode deixar de ser sincero, principalmente quando está em jogo, com o nosso, o credito de muitos.

Se me enganei, no começo, o melhor é reconhecer o engano desde já, porque sou responsável pelos que esse engano atraiu. Não há amor proprio que o impeça. De resto, tenho muito pouco amor proprio. Existem coisas mais importantes do que eu mesmo; mais importantes do que a U. R. S. S.: é a humanidade, é o seu destino, é a sua cultura." André Gide pôs, de fato, sua inteligencia e sua pena a serviço da humanidade. O Premio Nobel de Literatura coroou, pois, na obra pujante de André Gide, o valor intelectual no combate pelo mais puro idealismo.

O NOVO PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O poeta Adelmar Tavares foi eleito presidente de nossa mais alta instituição literaria. Os meios intelectuais receberam com otimismo tão feliz escolha. Havia razão. Devotado aos pobres intelectuais como poucos, é de es-

perar da ação de Adelmar Tavares, na alta administração da Academia, realizações das mais proveitosas para as letras nacionais. O fascínio pessoal do atual presidente, sua sensibilidade e operosidade, leva a crer que a Casa de Machado de Assis viverá em 1948 uma das fases mais belas de sua luminosa existencia.

A NOVA DIREÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL

Augura-se fase de grande prosperidade para a Biblioteca Nacional, agora sob a direção do Professor Josué Montelo, intelectual dos mais destacados de sua geração e técnico de reconhecida competencia.

O novo diretor da Biblioteca já divulgou um grande plano de reajustamento e reforma naquele estabelecimento padrão, que, certamente, o aparelhará para prestar ao público que o procura os melhores serviços, concorrendo para a formação cultural do nosso povo.

A NOVELA INGLESA MODERNA

Que fizeram os novelistas ingleses desde 1939? Quais os novos que surgiram? Por que caminhos anda a novela inglesa contemporanea? A todas estas perguntas responde Henry Reed, em *The Novel Since 1939*, obra sintetica e interessante. O poeta e novelista britânico estuda as figuras dos intelectuais que formam o *background* da novela contemporanea; fixa os mais modernos, suas tendencias e características.

As melhores obras aparecidas desde a irrupção da guerra, de autores novos ou já conhecidos, são indicados em *The Novel Since 1939*, que oferece conjunto de informações elucidativas.

NUNCA É TARDE

A "Campanha de Alfabetização de Adultos", pelo vulto que está tomando, apresenta, não raro, aspectos singulares. Entre estes, é de salientar o ocorrido em Guaratinguetá, no Estado de São Paulo, onde foi matriculado o macrobio Pedro de Oliveira que, com 112 anos de idade, quer aprender a ler. Matriculado numa das classes que funcionam no "Grupo Escolar Rodrigues Alves", naquela localidade, o mais velho aluno do Brasil recebeu sua cartilha e a importancia de Cr\$ 80,00, que lhe foi dada por um grupo de pessoas, afim de que possa comprar óculos. Interrogado sobre sua atitude, o Sr. Pedro de Oliveira declarou: "Não quero morrer antes de saber ler". Esse macrobio é aluno assíduo e aplicado. Eis um exemplo digno de ser seguido.

REVER PARIS

Esteve recentemente em Paris, para rever a Cidade-Luz, depois da guerra, o celebre desenhista inglês David Low, de quem Churchill disse, no apogeu da sua gloria politica: "Se Low não desistisse, eu seria, depois do rei, a primeira figura do Reino Unido."

OS FALSOS VALORES

Conhecido editor declarou o seguinte: "Sou editor de livros. Sei que toda falsa propaganda, todo falso valor, toda maquinação desaparece quando o autor enfrenta, despido de artificios, a massa de leitores. O público não compra livros que não lhe agradam".

RECORDANDO WILDE

Há cinquenta anos Oscar Wilde deixava o carcere de Reading. Aos amigos que se esforçaram por fazer com que se esquecesse daquelas horas amargas, ele respondia: "Os unicos inlizes que não merecem piedade são os que se resignam à sua desgraça." Pouco depois, Wilde foi viver na França, como se sabe. Perguntaram-lhe porque escolhera esse país para se refazer. Ele esclareceu: "Porque a França é o país em que se esquece mais facilmente os erros e menos facilmente as injustiças."

LITERATURA ESTRANGEIRA

Popular jornalista francês Serge, autor de diversos livros anedoticos sobre a vida dos picadeiros, lançou ultimamente em Paris "Histoire du Cirque", documentario sobre a vida dos circos mundiais, com ilustrações, fotografias e reproduções antigas, acompanhadas da biografia de clowns, acrobatas, magicos e dos truques mais curiosos; apareceu tambem em Paris, do filósofo Jankelevitch, **Revolution et Tradition** — Nesse livro diz ele: "Jamais no curso da historia europeia, salvo talvez na época das guerras religiosas, o fator ideologico desempenhou papel tão importante nas lutas nacionais e internacionais; e estuda a historia da Europa de hoje sob a triplíce influencia dos seres "evangelhos" modernos, o darwinismo, o nietzscheismo e o marxismo."

REPERCUSSÃO LITERARIA

Em officio dirigido a uma das nossas grandes editoras, a Fundação Hispanica da Biblioteca do Congresso (The Hispanic Foundation in the Library of Congress), de Washington,

nos Estados Unidos, alias a maior do mundo, solicitou a remessa de mais exemplares de "Homens e Coisas de Jornal," do escritor Alcides Gonzaga. Diz textualmente o officio: "obras como esta de Gonzaga são avidamente procuradas por numero cada vez mais substancial de frequentadores da nossa Fundação Hispanica, interessados no estudo e na apreciação de fatos relacionados como as coisas peculiares à imprensa e a sua evolução na America

A POSTERIDADE FALARÁ

Perguntaram recentemente a Lawrence Olivier quais os dez homens da atualidade que serão lembrados daqui ia cem anos. O famoso ator inglês indicou: Churchill, Stalin, Bernard Shaw, Charlie Chaplin, Menuhin, Sibelius, Eisenhower, Montgomery, Matthew Smith e Don Bradman. É dificil concordar com Olivier.

ÊXITO

Milhares de pessoas pagaram entrada, no principal teatro de Curitiba, para ouvir a conferencia que, em beneficio da Cruz Vermelha Brasileira, o escritor Erico Verissimo ali pronunciou. Essa conferencia, intitulada "Memorias de um caçador de almas", rendeu para os cofres daquela benemerita instituição a importancia de vinte e um mil cruzeiros. A literatura nacional progride...

THOMAS MANN NA SUIÇA

Ancunciou-se que o famoso escritor está inclinado a abandonar os Estados Unidos para fixar-se definitivamente na Suíça. Como se sabe, o criador de "Os Buddenbrock" naturalizou-se cidadão norte-americano, durante a guerra. Findas as hostilidades, convidado a regressar à Alemanha, afim de reintegrar-se na esplendida situação que desfrutava, recusou-se terminantemente a faze-lo.

NOTÍCIAS LITERARIAS

Comemorou-se no mês passado o 90.º aniversario do nascimento do inolvidavel historiador patricio José Francisco da Rocha Pombo. O dia 4 de Dezembro assinala, de fato, data muito grata à cultura e à inteligencia do Brasil.

Seguiu para a Colombia, depois de acidentada permanencia em nosso país, o escritor austriaco Bruno Kreitner. Ele veio aqui atraído pelo encantamento de percorrer algumas das mais fascinantes regiões do Brasil, como a Amazonia, a bacia do Araguaia, etc.

Infelizmente não logrou realizar essa aspiração. Suestada aqui foi das mais inquietas.

Como acontece todos os anos, o P. E. N. Clube do Brasil fez realizar a Ceia do Natal dos Escritores, que decorreu em ambiente cordial e de grande compreensão entre os intelectuais presentes.

Constituiu acontecimento literario muito expressivo a inauguração da Exposição de Livros Franceses, em Copacabana.

Comemorou-se no ano último o centenário da publicação dos livros das famosas irmãs Bronte, Emily, Charlotte e Anne. Poderá haver maior louvor a qualquer escritor?

Esteve em Londres, onde assistiu à representação da peça de sua autoria **Mal aimés**, levada na Inglaterra sob o titulo de **Less Than Kind**, François Mauriac. Em seguida foi a Oxford, onde pronunciou uma conferencia e recebeu o titulo de doutor "honoris causa" pela famosa universidade.

Faleceu G. F. Ramuz, um dos maiores, senão o maior escritor suíço da atualidade. Nascido no cantão de Vand, em 1878, Ramuz viveu em Paris de 1902 a 1914, quando fez sua formação de escritor, ligando-se para sempre à cultura francesa. Em um dos seus necrologios, publicados na capital francesa, le-se: "Do ponto de vista da literatura francesa em geral, sua obra pode ser colocada ao lado das de Péguy e Claudel".

C. F. Ramuz morreu em consequencia de uma operação no estomago, a 14.ª a que foi submetido a partir de 1940. Sua bibliografia é vasta.

LIVROS DO MÊS

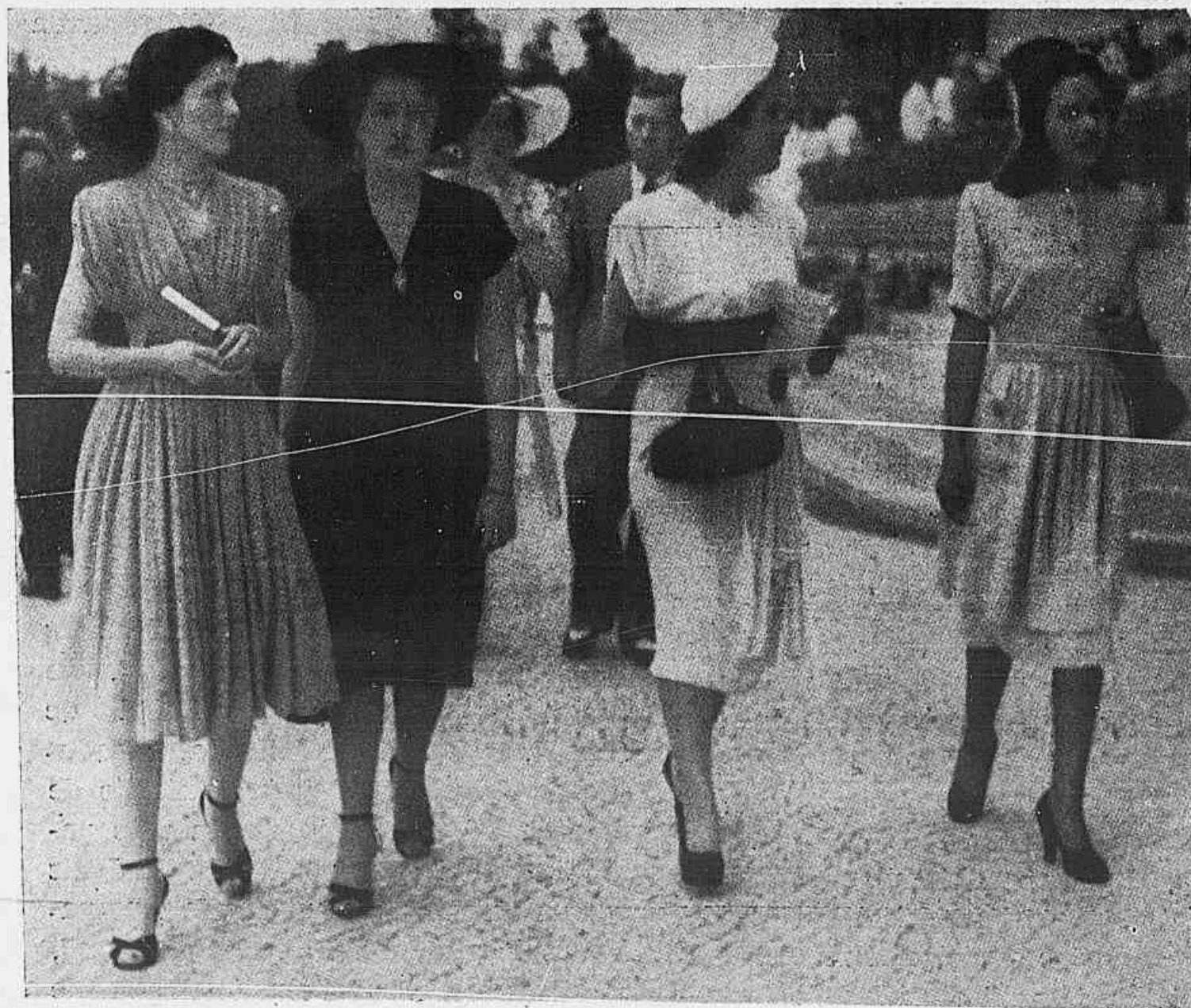
Dos livros ultimamente publicados destacam-se: "Poesias", de Alfonso de Guimarães Filho; "Os Grandes Processos da História", de Henri Robert; "Contos infantís" de Antonio Barata; "Quando os cafesais floresceu", de Stela Leonardos "Babel de Amor", de Pierre Zenda, tradução de Alfredo Ferreira; "Imitação de Cristo", 3.ª edição, traduzida pelo padre Leonel França; "A vida de Jesus para a infancia e a juventude", do pa-Alvaro Negromon; "O logro do cego", de Baynard Kendrick, tradução de José Geraldo Mota Florence; "Os Direitos do Homem", de Jacques Marjiam tradução de Afranio Coutinho e outros.



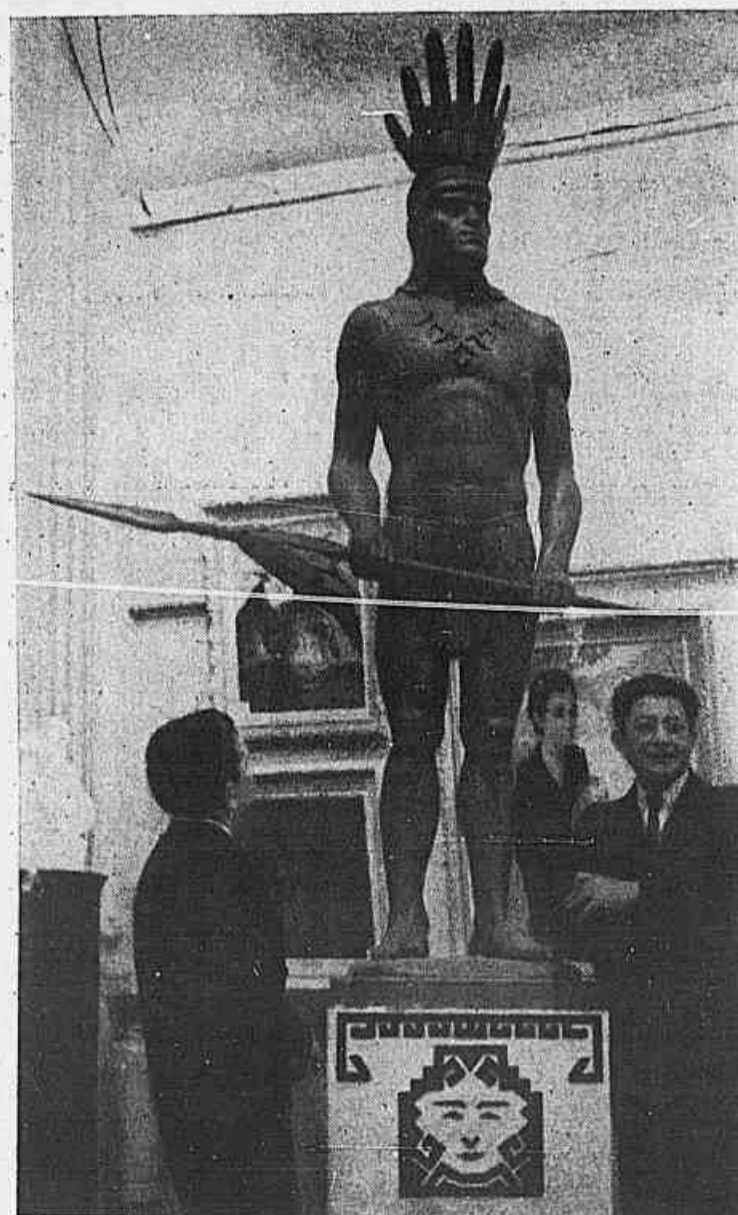
O MINISTRO DA GUERRA HOMENAGEADO PELA A. B. I. — Aspecto do almoço oferecido pela Diretoria da Associação Brasileira de Imprensa ao Sr. Ministro da Guerra e realizado no salão de exposição da Casa do Jornalista.



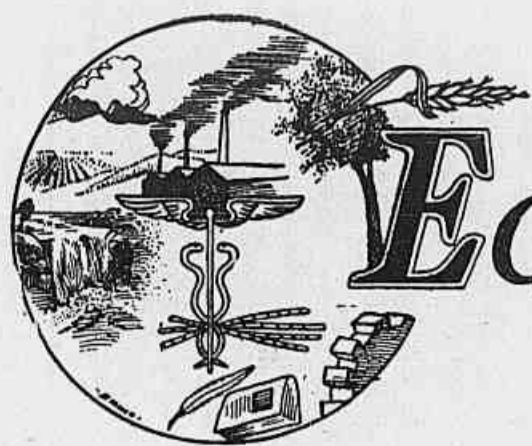
Também o General Mendes de Moraes, Prefeito da Capital, foi homenageado pela Diretoria da A. B. I., com um almoço que se realizou na sala da Diretoria daquela instituição jornalística.



ESPORTE E ELEGANCIA — Flagrante colhido no Hipódromo da Gavea, onde a sociedade carioca comparece habitualmente, às reuniões turfistas do n.ºosso Prado.



Murixaba, trabalho do escultor José Rangel Sobrinho e com o qual obteve o prêmio de Viagem pelo Brasil no salão de Belas Artes de 1947.



Economia e Finanças

O NORDESTE DO BRASIL

Diminuem, em regra geral, as possibilidades econômicas do nordeste brasileiro. E chegam, não raro, a tratá-lo como incapaz de atingir uma grande produção. Apegam-se, para isto, às secas periódicas de sua zona semi-árida. Esquecem tôdas as suas outras grandes vantagens. E essas vantagens existem.

Há em primeiro lugar, a considerar, a sua excelente posição geográfica. Na América do Sul, o Nordeste não é um fim de linha como a Argentina, aonde vai quem tem negócios. É um lugar de trânsito obrigatório para várias importantes carreiras marítimas e aéreas. E essa situação ficou bem acentuada na última guerra. Além disso, o Nordeste está mais perto da Europa e da África do que qualquer outro recanto brasileiro. E isto, desde que o volume da produção aumente, como é perfeitamente possível, pode redundar em fretes mais baixos e em maiores facilidades para a exportação de produtos pesados, mas de pouco valor por unidade, e dos de fácil deterioração como ovos e frutas.

Sendo o Nordeste uma espécie de península, o seu litoral é maior por unidade de área do que o de outras regiões do país. Os portos numerosos dispõem-se uns a leste e outros ao norte, o que redundará em maiores facilidades de transporte e reduz, de um modo geral, as distâncias entre os pontos mais afastados e o mar.

A limpidez do céu durante grande parte do ano, a ausência de tufões, as cercações não muito frequentes — tornam-no muito apreciado pelos aviadores que encontram aí bom tempo, as mais das vezes. Isso será um incentivo à aviação que tenderá a tornar-se extremamente vulgarizada.

O Nordeste não é uma planície, um planalto ou uma montanha de Nada de monotonia. Não é parco de chuvas, nem extremamente pluvioso. Não tem o clima quente, nem temperado. No Nordeste há de tudo. É a região das disparidades e dos contrastes gritantes. Possui planícies chatas, que são pampas minúsculos. Planícies onduladas como as do Acre, por exemplo, e a elas muito semelhantes. Planaltos extensos de 500 a 800 metros de altitude. Montanhas ingremes, embora relativamente baixas. Zonas mais chuvosas do que o Rio de Janeiro ou o interior do Estado de São Paulo. Terras outras com média pluviosidade. Raros pontos com chuvas muito reduzidas. Es-

se mosaico de microclimas traz uma produção variadíssima. As plantas dos climas quentes e temperados dos úmidos e dos secos se contundem. Há ou houve trigais em Garanhuns Teixeira, Esperança, Campina Grande e Meruoca. Os vinhedos, ainda pequenos, se alastram por aqui e por aí. Os pessegueiros crescem nas montanhas. Os coqueiros põem uma fimbria verde e tatalante nas praias. Os carnaúba sobem as aluviões de alguns rios. Os canaviais enchem, em alguns trêchos, vales e montes. Os cafezais crescem na Borborema, na Ibiapaba, em Baturité e em outras serras. E o milho e feijão, os algodoads são de quase todos os pontos. A pecuária encontra aí condições de desenvolvimento não comuns em tôda parte.

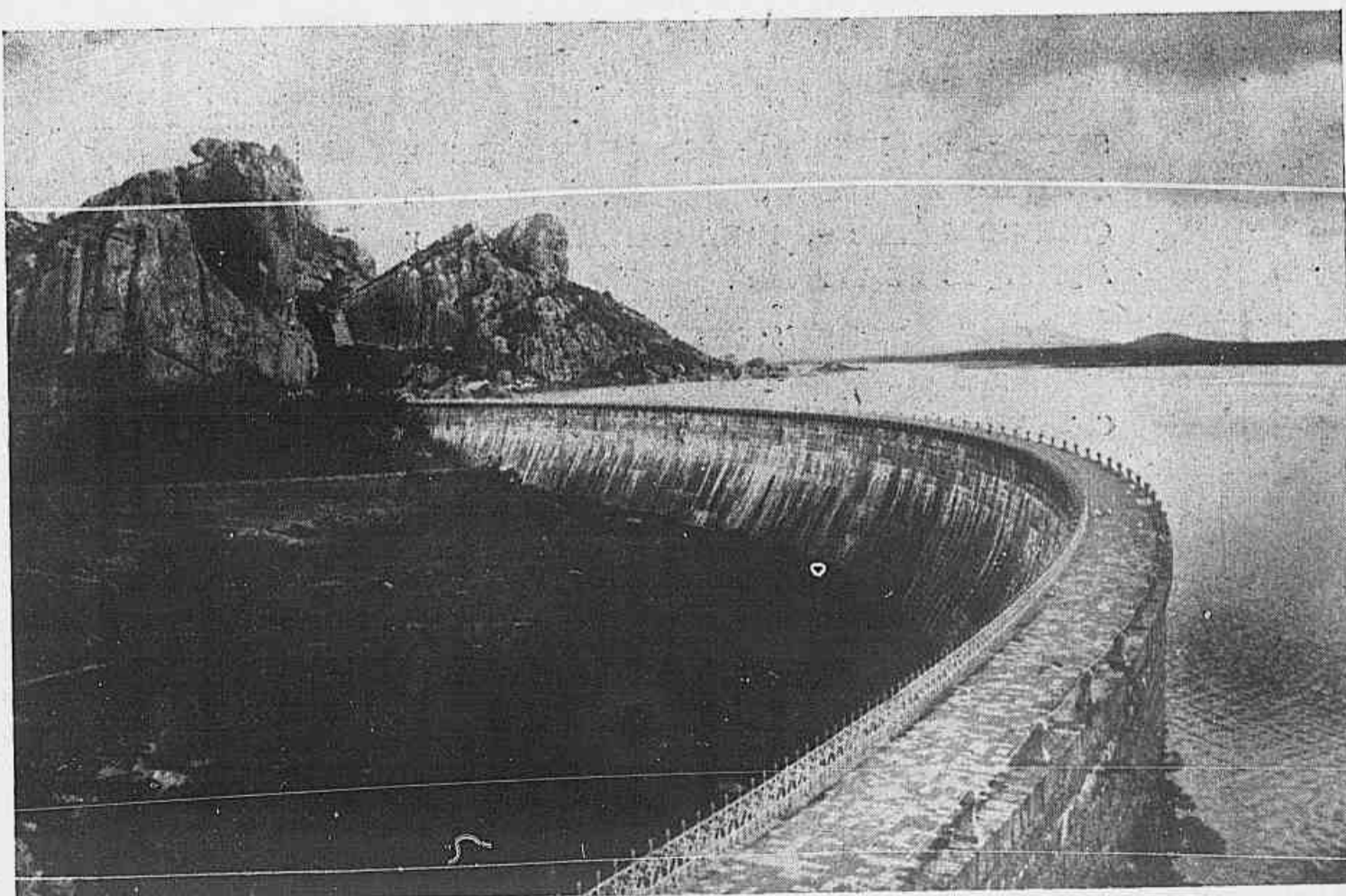
Há minérios com extraordinária frequência. O ferro forma cêrros em várias faixas do Ceará, não longe do oceano. Em Chaval, porto na foz do Timonia, a mina de ferro vai até quase às praias. Os babaçuais vizinhos fornecer-lhe-ão no futuro o coque de que necessita para a criação de mais uma região siderúrgica brasileira. E ainda pode fornecer minério ao Pará, onde o tratariam com carvão vegetal. Além de ferro, há ouro em exploração em Patos e Teixeira e se exporta mais berilo, tantalita, cassiterita baritina, fuorita, cheelita, rutilo, espodumina e ambligonita. O litoral é um dos trêchos brasileiros com maiores possibilidades para a produção de petróleo.

O Nordeste talvez seja a região mais salubre do Brasil. Alguns de seus pontos são salubérrimos, verdadeiros sanatórios naturais — temperados, enxutos, lavados de sol, não sujeitos a mudanças bruscas de temperatura. Nos planaltos da Borborema, a temperatura é simplesmente deliciosa. Apresenta a máxima de 24 graus centígrados e a mínima de 12°. Daí o rápido aumento da população. Embora a vastíssima Amazônia seja uma conquista nordestina e nordestinos às dezenas de milhares estejam espalhados por todo o Brasil e já ocupem trêchos de países vizinhos a população do Ceará, por exemplo, entre 1920 e 1940 foi uma das que mais cresceram. Nos últimos cinquenta anos, a população cearense aumentava de 161 %, enquanto a de Minas Gerais aumentava de 114 % e a do Estado do Rio de 112 %. Ainda hoje os municípios rurais de população mais densa se encontram em terras nordestinas.

O Nordeste, no Brasil é o maior produtor de açúcar, sal e cêra de carnaúba, é um dos maiores produtores de algodão (segundo lugar), côco, milho, abacaxi e outras frutas tropicais, mandioca e gados. Essa produção tende constantemente a aumentar, máu grado as secas periódicas de suas regiões semi-áridas, e aumentará mais depressa à proporção que a técnica fôr corrigindo as falhas da natureza, pois a seca não é um mal sem remédio. A própria experiência brasileira já fartamente o demonstra.

A açudagem grande e pequena tomou depois de 1930 um aumento verdadeiramente notável. Já são um fator importante na fixação do homem ao solo

Açude do Cêdro — Ceará



A SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO S. A.

apresenta ao público

Novos Títulos de Economia

TÍTULO DE PAGAMENTO ANUAL - Plano grandemente vantajoso, ainda não conhecido no Brasil. Apenas 16 pagamentos (um pagamento por ano).

TÍTULO DE PAGAMENTO MENSAL - Redução do período de pagamento das mensalidades para 16 anos, no máximo.

TÍTULO SALDADO (UM SÓ PAGAMENTO) - Redução do período de capitalização: 10 ANOS APENAS para o recebimento do capital garantido! Participação nos lucros do 10º ano de vigência.

Além do título acima, a Companhia emite outro novo título saldado, também grandemente vantajoso.

MAIORES VALORES DE RESGATE, EM TÔDAS AS MODALIDADES DOS NOVOS TÍTULOS

Todos os títulos em vigor concorrem aos sorteios mensais, para o pagamento antecipado do capital garantido, e participam dos lucros da Companhia, conforme estabelecem as Condições Gerais.

SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO S. A.

A maior companhia de previdência da América do Sul

SUCURSAIS, ESCRITÓRIOS, INSPETORES E AGENTES EM TODO O BRASIL, À DISPOSIÇÃO DO PÚBLICO, PARA INFORMAÇÕES E AQUISIÇÃO DE TÍTULOS.

Sede Social:
RUA DA ALFÂNDEGA, 41

Caixa Postal 400 - RIO DE JANEIRO

Queiram enviar-me, sem compromisso, informações completas sobre os novos títulos de Sulacap.

Nome _____

Profissão _____

Rua _____

Cidade _____ Estado _____

fluência já se tornou sensível às estatísticas.

As culturas das regiões semi-áridas, as "dry land crops" — como as chamam os norte-americanos — podem tornar tão produtivas quanto as mais que agricolamente o sejam no país, vastas regiões que hoje pouco fornecem. Essas culturas valiosas, adaptadas ao meio e capazes de fornecer safras vultosas e de grande valor sem os artificios da irrigação existem e já contribuem para uma riqueza importante. Resta, apenas, aproveitá-las melhor. Pode-se citar, porém, como lembrete, a carnaubeira, o licurizeiro, o oiticica, o caroá, o algodoeiro mocô e várias outras. E há esse grande São Francisco, cujo aproveitamento se inicia. Nêle se fixam os olhos do Brasil inteiro. Espera-se ansioso que o plano que o ministro Apolônio Sales estudou nos Estados Unidos seja posto em equação e realizado. Trará energia elétrica abundante e barata e a industrialização de vastíssimas regiões nordestinas já densamente povoadas e dispendo de outros importantes fatores de produção. Será a transformação do vale do grande rio num Egito mais povoado e fecundo do que o africano, porque às riquezas agrícolas acrescerá as indústrias que a energia hidráulica abundante e barata criará.

Pimentel Gomes

O PLANO MARSHALL

Os meios políticos e econômicos norte-americanos estão preocupados com o plano Marshall; trata-se menos dos seus aspectos financeiro, fiscal e cambial, do que de suas repercussões sobre a economia interna. O governo americano considera necessário prevenir os efeitos inflacionistas de uma despesa de 4 a 5 bilhões de dólares em subsídios ao estrangeiro, pois tais operações não oferecem nenhum equivalente imediato em bens de produção e de consumo à população dos Estados Unidos.

O problema não é muito diferente daquele que se apresentou ao Brasil, durante a guerra e, mesmo depois desta, até o ano passado: como se poderia financiar o saldo da balança comercial e das exportações a crédito, sem recorrer à inflação monetária e sem provocar uma grande alta de preços, no mercado interno?

Durante a guerra, o principal meio de absorver o poder aquisitivo adicional da população era a drenagem de uma grande parte da renda por impostos diretos e por empréstimos voluntários ou compulsórios. A necessidade de tais medidas fiscais rigorosas não mais existe. O orçamento do governo americano está perfeitamente equilibrado e poderá, provavelmente, manter-se nesse estado sem um aumento sensível dos impostos e sem recorrer a empréstimos.

CONTRÔLE DOS PREÇOS — Não restam, por conseguinte, senão intervenções diretas do governo, para evitar um encarecimento acentuado do custo de vida. O governo pede toda uma série de medidas preventivas, particularmente as seguintes:

- contrôle dos preços de bens e serviços de primeira necessidade, tais como gêneros alimentícios, artigos do vestuário, e aluguel de casa;
- contrôle dos preços das principais matérias primas, principalmente as que serão diretamente necessárias para a execução do Plano, tais como o trigo e o aço;
- regulamentação federal das Bolsas de Mercadorias, até o presente, somente sujeitas ao controle estadual, a fim de evitar fatos como os ocorridos recentemente na Bolsa de Chicago, teatro de uma desenfreada especulação de cereais;
- reintrodução do controle de crédito para os bens de consumo;
- prorrogação do controle do comércio exterior e dos transportes, cuja liberação deveria ocorrer a 29 de fevereiro de 1948;
- medidas para estimular a produção agrícola e

pecuária por um sistema de prêmios, distribuídos entre os criadores para o aumento de peso do gado, com um mínimo de cereais.

Ainda que o programa exposto pelo presidente Truman seja menos rigoroso que o sistema do "general price-ceiling" (preços-teto para todos os produtos), em vigor durante a guerra, está fora da expectativa de muitos empreendedores que o período de controles tenha assado definitivamente e que a economia americana venha a ser orientada novamente segundo o princípio da "free enterprise".

É evidente que o governo, durante a vigência do plano Marshall (1948-1951), será o maior comprador de diversos produtos e que, por essa razão, sua atitude será da maior importância, para a formação dos preços. Até o presente, os mercados das matérias primas não reagiram desfavoravelmente ao aviso da restauração do controle. Em alguns mercados, em particular o do trigo, verificaram-se mesmo novos preços récores de todos os tempos. Parece, pois, que a especulação não crê que o programa de controle seja executado com a severidade observada durante a guerra.

OFERTA E PROCURA REAIS — Entretanto, em face de um plano tão vultoso como este concebido pelo secretário de Estado, Marshall, o papel da especulação não é decisivo. O nível de preços dependerá da oferta e da procura reais.

Atualmente conhece-se melhor a última do que a primeira. A procura é claramente determinada no Relatório dos dezesseis países europeus beneficiários do Plano Marshall. O quadro I mostra os principais "desiderata" em matéria de importações do continente americano, para todo o período do Plano, isto é, 1948 — 1951.

QUADRO I — PROCURA DE PRODUTOS DO CONTINENTE AMERICANO
(Em bilhões de dólares ao preço de 1.º de julho de 1947)
Período: 1948 — 1951

Especificação	Proveniente dos Estados Unidos	Proveniente de outros países americanos	Total
Produtos alimentícios.....	5,4	8,3	13,7
Carvão.....	0,7	—	0,7
Petróleo e derivados.....	2,2	—	2,2
Ferro e aço.....	1,2	0,1	1,3
Madeiras.....	0,4	0,6	1,0
Equipamento técnico.....	3,3	0,1	3,4
Outros produtos.....	7,2	5,7	12,9
Importações totais.....	20,4	14,8	35,2
Serviços marítimos.....	1,7	—	1,7
Total.....	22,1	14,8	36,9

Como se sabe, os Estados Unidos não consideram possível satisfazer todos os "desiderata". O programa do governo americano prevê para os quatro anos do Plano um montante de cerca da metade, apenas, do total que figura no quadro acima. Entretanto, é bem possível que as exportações totais dos países americanos para a Europa, atinjam um vulto aproximado dos 35 bilhões de dólares, pois uma parte do intercâmbio poderá ser equilibrado mediante suas próprias exportações.

Os próprios países europeus são, sob este ponto de vista bastante otimistas, e afirmam que, em condições favoráveis, sobretudo se os preços baixarem, o déficit de sua balança comercial, na hipótese da completa execução de seus "desiderata", seria apenas de 22,4 bilhões de dólares para o período total do Plano, 6 bilhões dos quais voltaram a países americanos afora os Estados Unidos. Os principais produtos que eles esperam, desses países, são: cereais, açúcar, carne, frutas e óleos vegetais.

UM BANCO INTER-AMERICANO PARA A AMERICA LATINA

O Sr. Nelson A. Rockefeller, presidente da International Basic Economy Corporation, sugeriu, na Convenção Nacional de Comercio Exterior, na cidade de St. Louis, a criação de um banco inter-americano, com um capital de US\$ 100.000.000,00 ou mais. Essa proposta, foi incluída pelo Sr. Rockefeller num programa sugerido para a solução dos problemas econômicos da América Latina.

O Sr. Rockefeller comentou que, em virtude da urgência dos problemas da Europa, as questões econômicas dos países latino-americanos, têm sido postas um pouco à margem pelos Estados Unidos, mas salientou que essas questões são de natureza crítica e de importância vital.

Afirmando que hoje em dia são melhores do que nunca as oportunidades que têm as repúblicas americanas para uma obra construtiva e para uma cooperação eficaz, tanto por parte dos governos como das empresas particulares, o Sr. Rockefeller propôs um programa constante de três pontos essenciais para solucionar os problemas econômicos da América Latina. Esses pontos essenciais são:

I) Um aumento sensível na participação do capital particular e dos diretores de indústria norte-americanos no programa de colaboração econômica das nações do Continente;

II) A criação de um banco Inter-americano, já proposto em 1940, com atribuições mais amplas, de modo a se tornarem possíveis as operações de inversões de capitais assim como o desempenho de funções de banco comercial, utilizando as moedas de todas as nações participantes;

III) Organização de um plano que permita a participação das demais nações americanas na produção das mercadorias necessárias à Europa, dentro da realização do plano Marshall.

Na mesma reunião da Convenção Nacional de Comercio Exterior, o Sr. Roman Beteta, Secretário do Tesouro Mexicano, dissertou sobre a política de restrições que vem sendo adotada pelos "países devedores" do Continente americano, com o fim de equilibrar a exportação e importação.

O Sr. Beteta fez um apelo no sentido de se estimular uma maior unidade econômica entre as repúblicas americanas, as quais estão de certo modo tentando o impossível, isto é, vender sem comprar ao mesmo tempo. "É essencial que os Estados Unidos invertam capitais e que esses capitais permane-

çam na América Latina", declarou textualmente o Sr. Beteta, acrescentando:

"Uma verdadeira solidariedade econômica das Américas será conseguida plenamente, associando-se os capitais e os conhecimentos técnicos dos Estados Unidos com os recursos dos "países devedores" da América".

A RENDA DO DISTRITO FEDERAL EM 1947

A Recebedoria do Distrito Federal arrecadou, durante o exercício de 1947, a importância de Cr\$ 2.297.852.951,60, apresentando uma diferença para mais em relação ao ano anterior na quantia de Cr\$ 197.537.930,00.

Cumpra realçar que aquela Recebedoria arrecadou no exercício passado um sexto do orçamento geral da República.

O ORÇAMENTO DA REPUBLICA PARA 1948

O orçamento aprovado pelo Congresso para 1948 ultrapassa a proposta do Executivo em 940 milhões de cruzeiros na receita e 939 milhões na despesa.

Como se vê, trata-se de um orçamento equilibrado. Aliás, os orçamentos elaborados nos últimos anos têm apresentado também essa característica, no momento de sua aprovação. Parece, entretanto, que a elaboração presente está mais fundamentada do que as anteriores; a receita está avalizada de forma muito prodente, particularmente no que concerne às novas disposições referentes ao imposto de renda e à taxa sobre as transferências de fundos para o estrangeiro. É possível que somente esses dois itens da receita garantam uma arrecadação de 700 a 800 milhões de cruzeiros, acima da previsão orçamen-

tária. Dispõe portanto o Governo de uma reserva apreciável na hipótese de que as despesas efetivas ultrapassem as fixadas no orçamento.

A PRODUÇÃO MUNDIAL DE AÇUCAR

De acôrdo com um relatório do Bureau de Economia Agrícola, do Departamento de Agricultura Norte-Americano, a produção mundial de açúcar, na safra 1947-48, deverá ser ligeiramente mais alta que a de 1946-47, avaliada em 31.200.000 toneladas.

A produção média em 1935-39 foi de 35.000.000 de toneladas.

A produção nas áreas que abastecem o mercado norte-americano poderá ser, em 1947-48, equivalente à última produção, que se elevou ao "record" de 10.500.000 toneladas. A expansão da produção nessas áreas fornecerá aproximadamente 95 libras de açúcar refinado "per capita" para 1947, em relação a 75 libras consumidas o ano passado, e 96 libras durante o período 1935-39.

A produção de açúcar de cana e de beterraba no continente, baseada nos dados de 1.º de setembro, será, aproximadamente, 20% mais elevada. Havai e Porto Rico combinados produzirão mais e esperam-se 200.000 toneladas das Filipinas, que estão fóra do mercado desde antes da guerra. Esses aumentos deverão contrabalançar a diminuição de 10% na safra de Cuba, que alcançou, este ano, o recorde de 6.400.000 toneladas.

Afirma o referido relatório que o mercado atual para açúcar não está forte aos presentes preços-teto, o que é provavelmente devido, em grande parte, à melhoria geral da situação quanto ao fornecimento, combinada com tentativas para a liquidação de safras antigas em estoque durante o período relativamente curto que restava para o ano atual. O preço-teto para o açúcar subiu mais de 50% desde janeiro de 1946. Grande parte do aumento ocorreu nos últimos 12 meses. Na ausência de um mercado livre para o açúcar, Cuba requereu proteção contra preços não controlados de artigos adquiridos nos Estados Unidos. Em consequência, o Acordo de Compra Cubano estipula que o preço

pago pelo açúcar esteja em relação ao índice de preços de produtos de consumo nos Estados Unidos. Apesar da Legislação atual estipular que o preço-teto, assim como todos os outros meios de controle do açúcar, seja extinto em 31 de outubro, ou antes, a "Commodity Credit Corporation" (C. C. C.) ainda controlará grande parte dos estoques de açúcar cru.

Já depois de haver sido organizado o relatório em apreço a C. C. C. vendeu um máximo de 400.000 toneladas de açúcar não refinado para o exercício, o que, dizem os interessados no comércio do gênero, talvez alivie um pouco a pressão nos preços. A Lei do Açúcar de 1948 entrou em vigor, durante cinco anos, a partir de 1.º de janeiro de 1948. Tal Lei é, na maioria, idêntica à Lei do Açúcar de 1947, salvo várias emendas. Dignas de nota são as seguintes alterações: a base da qual o Secretário da Agricultura determinará, cada ano, o cálculo aproximado das necessidades de consumo; o método a ser usado para estabelecer cotas para as várias áreas de produção; e a redistribuição de qualquer déficit na cota das Filipinas.

Os estoques de açúcar retidos por distribuidores primários em 1.º de julho alcançaram um total de 1.148.000 toneladas, quase 500.000 toneladas abaixo da média de 1935-39, mas bastante acima das 995.000 toneladas do ano passado e da baixa de 684.000 toneladas em 1.º de julho de 1945. Os estoques em 1.º de junho alcançavam 1.600.000 toneladas, somente 100.000 toneladas abaixo da média para 1935-39, mas a compra intensa por parte dos consumidores individuais contribuiu para uma redução rápida dos mesmos. Em 1.º de agosto, eram de 1.105.000 toneladas, pouco abaixo aos do mês anterior.

A produção européia de açúcar de beterraba no outono, para a safra de 1947-48, deverá ser 10% acima do ano pasado, conforme indicação por relatórios preliminares sobre áreas, mas ainda não equivale à média de antes da guerra. Durante o período de 1946-47 a produção européia, excluindo a Rússia, foi de 40% mais que a do ano anterior, alcançando 5.582.000 toneladas. A média para 1935-39 foi de 7.408.000 toneladas.

A NOSSA PRODUÇÃO DE TRIGO NUM DECENIO

(Toneladas)

ESTADOS	1937	1938	1939	1940	1941
Pernambuco.....	—	—	40	14	—
Bahia.....	4	4	10	—	—
Espírito Santo.....	—	—	23	100	—
São Paulo.....	—	—	850	300	1.287
Paraná.....	25.000	17.500	20.000	20.000	24.000
Santa Catarina.....	5.000	5.200	11.642	18.500	35.000
Rio Grande do Sul.....	115.200	140.000	64.465	93.430	120.000
Mato Grosso.....	—	—	1	3	32
Goiás.....	—	—	4	—	—
Minas Gerais.....	15	86	350	140	130
Brasil.....	145.219	162.790	97.385	132.847	180.449

ESTADOS	1942	1943	1944	1945	1946
Pernambuco.....	—	—	—	—	—
Bahia.....	—	—	—	—	—
Espírito Santo.....	—	—	—	—	76
São Paulo.....	1.000	840	5	—	18.212
Paraná.....	20.000	15.628	16.538	15.004	39.634
Santa Catarina.....	36.000	45.843	31.630	36.564	193.939
Rio Grande do Sul.....	160.000	160.728	122.740	185.183	—
Mato Grosso.....	—	—	—	—	—
Goiás.....	—	—	1	1	2
Minas Gerais.....	—	70	100	43	120
Brasil.....	217.000	228.108	171.014	236.795	251.184

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS**

ARTE DE BORDAR
TEM TUDO O QUE UMA BORDADEIRA
DESEJA

Guia das Noivas

ALBUM N.º 5

As dificuldades na escola das variadas peças para um enxoval de noiva, desaparecem diante deste álbum desenhado com o máximo capricho. Tudo quanto interessa ao enxoval da mais exigente noiva é apresentada com minuciosas explicações para a execução. 44 páginas com uma capa muito sugestiva.

Preço Cr\$ 20,00



Barras bordadas em litchie? Ou vai preparar o enxoval do bebê? Dezenas de modelos estão minuciosamente explicados nas páginas de Arte de Bordar, a revista das donas de casa. Nas livrarias e bancas de jornais.

Cr\$ 7,00. Pedidos também pelo Reembolso Postal, à S. A. O Malho, Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar. Rio.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
COMBATE E EVITA AS RUGAS
À VENDA EM TODA A PARTE

Caspa?
Petroleo
Soberana



ALMANAQUE DO TICO TICO



PARA 1948

A' VENDA

Arte de Bordar

revista mensal de riscos para bordar

EM "ARTE DE BORDAR", revista mensal de riscos para bordar, encontram-se os mais encantadores motivos desenhados para bordar, na medida dos trabalhos: Lingerie, Lençóis, Toalhas, Monogramas, Ponto de Cruz, Exoval para as Noivas e para o Bêbê.

Uma infinidade de motivos para bordar para os mais variados fins.

VARIADÍSSIMAS RECEITAS PARA CROCHÊ.

Em cada edição um grande suplemento solto contendo um trabalho especial.

Todos os trabalhos são acompanhados com as mais minuciosas explicações.

MUITOS MODELOS DE TRICOT PARA, SENHORAS, HOMENS E CRIANÇAS.

NUMERO AVULSO CR\$ 7,00

Assinaturas - 12 meses - cr\$ 80,00 - 6 meses - cr\$ 42,00

À venda em todos os jornaleiros e livrarias

Pedidos pelo reembolso à S. A. "O Malho"

R. Senador Dantas, 15 - 5.º - Rio

